



1290000205



TCC/UNICAMP V662p

*A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO
SEXUAL NO COTIDIANO
ESCOLAR COM A INFLUÊNCIA
DA FAMÍLIA*

UNIDADE: FE

Nº CHAMADA:
TCC-UNICAMP

V.662 p

V:.....EX:.....

TOMBO: 205

PROC.: 124/2003

C:.....D:.....

PREÇO: 11,00

DATA: 03/11/03

Nº CFD: Bib. = 3087 13

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

V662p

Vicente, Michelle Campos.
A prática da educação sexual no cotidiano escolar com a influência da família / Michelle Campos Vicente. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Ana Maria Faccioli de Camargo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Sexualidade. 3. Escola. 4. Família. 5. Sociedade. I. Camargo, Ana Maria Faccioli. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-0109-BFE

Agradecimentos

Agradeço a professora Sheila Pinto da Silva, integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da Unicamp, que me orientou, com muito profissionalismo, companheirismo, muita paciência, compreensão e acima de tudo presente em todos os momentos em que estive confusa e ansiosa em relação ao tema de minha pesquisa.

A doutoranda Elisabete Franco, também integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Sexualidade Humana da FE, que me ouviu e me acompanhou no início da minha pesquisa.

Agradeço a minhas amigas Rosângela Carrilo Moreno e Priscila Capeli, que de alguma forma contribuíram tanto com o meu aspecto psicológico e com meu aspecto intelectual, no desenrolar esta pesquisa, auxiliando-me na minha segurança interior para que eu conseguisse me ater ao tema e concluir esta pesquisa como eu idealizei e que como devia ser feito academicamente.

Aos meus pais, Célio Vicente e Neide A. F. de Campos Vicente e ao meu irmão Hamilton Campos Vicente, pelo apoio desde a época do curso pré-vestibular, e pela oportunidade de ter ingressado em uma universidade pública, mais especificamente a Universidade Estadual de Campinas.

Ao meu namorado Rodrigo Feltrin, pela cumplicidade e apoio nas horas de conflito em relação a mim mesma ou relação a outras pessoas que tiveram alguma ligação com minha pesquisa.

Ao PED, Léo, da disciplina Metodologia de Pesquisa em Ciências da Educação I e II, que me orientou muito no aspecto tanto metodológico quanto conteudístico do tema em questão.

A professora Luci Banks Leite, que graças a abertura dela no segundo ano da faculdade pude entrar em contato com a temática da Sexualidade Humana através do Minicongresso realizado por nós alunas, escolhendo um tema de preferência, individual e dentro da psicologia, inserida na disciplina Pensamento Linguagem e Desenvolvimento Humano, e agradeço a ela também por ser minha segunda leitora.

E a todos aqueles que estiveram na retaguarda, que em um momento ou outro durante a minha vida me incentivaram a trilhar este caminho, que não só a parte acadêmica foi levada em conta, mas a minha vida em todos os outros aspectos, sejam eles: emocional, cultural, social, econômico e político.

- *Introdução*p. 04

- *1º Capítulo: Concepções Sobre a Sexualidade Humana Através e Ao Longo da História do Ocidente*.....p. 09

- *2º Capítulo: Como a Sexualidade Humana e a Prática da Educação Sexual é Vista Atualmente*
.....p. 18

- *3º Capítulo: Famílias: O que Pensam da Sexualidade Humana e da Prática da Educação Sexual Dentro de Seus Lares e No Interior Das Escolas*p. 25

- *4º Capítulo: O Papel e o Pensamento da Escola Frente a Sexualidade Humana e a Prática da Educação Sexual*p. 31

- *Conclusão: "Minha Vida em Cor-de-Rosa": As Relações Entre a Escola e a Família Nos Âmbitos Da Sexualidade Humana e Da Educação Sexual*.....p. 41

- *Bibliografia*.....p. 54

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana e as relações que englobam essa temática podem ser consideradas polêmicas para alguns e dentro dessa questão, inclui-se as famílias com dificuldades emocionais e até intelectuais que se sintem preocupadas com as crianças e os adolescentes integralmente e não só com as questões dos bons costumes e o moralismo pregado pela sociedade em geral, mas com a mente aberta e com naturalidade para tratar sobre ao vários aspectos da sexualidade humana com seus filhos.

E a escola que raramente tem uma equipe preparada, disposta e segura para dar aulas de educação sexual para os seus educandos (Boruchovith, 2000), devido a inúmeras controvérsias e convergências que surgem a partir desse assunto como questões morais, religiosas, biológicas ou desconhecimento e resistência sobre o assunto.

Em relação a esse despreparo sobre a temática da sexualidade humana, Suplicy (1991) se deparou em suas pesquisas com a idéia de que:

"Vivemos em uma época de transição", por isso, "A visão da sexualidade mudou muito rapidamente nas últimas décadas. Essa mudança deixou os pais meio perdidos, porque eles vêm de uma geração onde tudo era proibido, e agora deparam com uma liberdade que não entendem e que desperta muito medo. Muitos percebem que talvez não sejam adequadas as suas atitudes restritivas, tais como: o não permitir nada e não dar explicações sobre suas posições. Entretanto, não tem condições de saber como assumir outros comportamentos, ou não sabem como agir. Uma época de transição, como a que estamos vivendo, é um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais" (p. 28).

Devido a crença das próprias famílias e da sociedade em geral, de que as famílias não têm base para preparar e orientar sexualmente as crianças e os jovens e que esta deva ser função da escola e que esta deve se ater também, além da educação sexual, a questão da influência que estas "famílias" pode exercer nos educandos, mas para estudar esta tal influência tão marcante no interior da escola é preciso que se analise alguns estudos sobre a sexualidade humana, mais especificamente sobre a educação sexual e os conhecimentos que os educandos trazem de casa, conhecimentos sobre as várias áreas de estudo, sejam emocionais, intelectuais, morais, éticos,⁴ religiosos, culturais, políticos e até

econômicos, não necessariamente de uma maneira explícita, mas inserida nas relações que ocorrem no cotidiano.

Porque estas famílias mesmo ficando um pouco perdidas, ainda resistem para refletir, procurar ajuda para suas angústias e dúvidas, levando assim, seus filhos a também ficarem confusos em relação a própria sexualidade e a das pessoas que os rodeia.

Para entender essa influência se faz necessário que se estude as relações em torno da sexualidade humana ao longo da história e o que contribuiu para que estas acontecessem da forma que aconteceram e porque continuam acontecendo dentro das famílias e na sociedade em geral e posteriormente nos processos educacionais escolares.

Desta forma esta pesquisa pretende a olhar mais detidamente alguns estudos de alguns teóricos em relação a influência da família na educação sexual que é realizada dentro da escola, analisando esta prática através dos pensamentos de estudiosos como: Boruchovith (2000), Camargo (1999), César (1998), Costa (1984), Foucault (1999, 1999, 1999), Freud (1920), Louro (1997, 2000), Ribeiro (1989), Ribeiro (1996), Silva (1995) e Suplicy (1991), e também tenta fazer uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Temas Transversais, Orientação Sexual), para explicitar sobre a temática da sexualidade humana, da educação sexual inseridas nos contextos da escola e da família, e da influência que a última pode exercer nos interiores da escola.

Percorrendo esses autores e os PCNs percebe-se que eles valorizaram a prática da educação sexual e suas discussões feitas a partir da temática da sexualidade humana que existe em nossa sociedade, assim podendo chegar a um consenso sobre a organização, o funcionamento e a aplicação de uma educação sexual abrangente, esclarecedora, disposta e preparada para auxiliar no desenvolvimento físico e mental da criança e do adolescente, tanto no interior da família, da escola e da sociedade em geral.

A preocupação não é com o que acontece no processo pedagógico, mas também com os conhecimentos, sentimentos e sensações que os educandos possam trazer de casa e da rua, influenciando as relações com os outros e consigo mesmo dentro e fora da escola .

Mas, será que para compreender os conhecimentos prévios, as vivências que cada um trás dos ambientes que vive fora da escola, as experiências que teve oportunidade de experimentar tanto em casa quanto nos outros ambientes de convívio individual e coletivo, deve-se analisar só estudiosos que se preocuparam com essa temática, ou também analisar a realidade e o cotidiano dos educando e dos educadores?

Embora o estudo da prática se faça necessário, para não dissociá-la da teoria acadêmica, este trabalho abordará as teorias de alguns pensadores sobre as práticas em relação a temática da sexualidade humana, em relação a educação sexual nas escolas, a relação da escola com as famílias e mais especificamente a influência das famílias no

interior das escolas.

Esses estudiosos deram importância à essa temática, observando, questionando e analisando a realidade de muitas salas de aulas, o cotidiano de muitas famílias e a sociedade em geral.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é compreender e refletir sobre as idéias de alguns pensadores que já se ocuparam da prática e da influência das relações familiares acerca da sexualidade humana nas aulas de educação sexual inseridas na escola.

Partindo dos pensamentos de Louro (1997), acredita-se que ocorram a todo tempo manifestações explícitas em torno da sexualidade na escola, por isso que a relevância do estudo do tema educação sexual e a influência da família na escola se fazem extremamente significativos para a compreensão das vivências e relacionamentos de indivíduos entre os de mesmo sexo, com o sexo oposto e consigo mesmo.

Pode-se observar que tanto nos cursos antigos de magistério, como nos cursos atuais de pedagogia e outros cursos relacionados a educação pouco se estuda acerca deste tema.

Nas universidades, o aluno precisa ir ao encontro, por interesse particular, para pesquisar, buscar e se inserir em um contexto que fale, que discuta e que procure cada vez mais problematizar, à procura de soluções para os questões relativas a sexualidade que ocorrem no cotidiano da sala de aula, e das famílias dos educandos e na qual uma interfere sobre a outra.

Questões essas que podem ser consideradas conflituosas ou não dependendo do (a) professor (a), como por exemplo questionamentos constantes das crianças e dos adolescentes em relação ao próprio corpo e aos relacionamentos com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto e consigo mesmos, e atitudes que eles possam ter relativos a afetividade, a relações sociais, culturais, psicológicas, morais, econômicas, e políticas que estejam ligadas a sua sexualidade.

Outro fator que também é significativo, é a análise da influência da família nessa educação sexual dentro da escola, porque acontecendo essa educação, ela virá com conhecimentos, vivências e experiências do ambiente que a criança e o adolescente estão inseridos quando não estão na escola, e a maioria das vivências dos educandos ocorrem em sua família, desde seu nascimento e durante todo o seu desenvolvimento e crescimento físico, mental, emocional.

Além da influência que a família exerce no interior da escola outra questão importante é a metodologia utilizada na educação sexual que pode fazer a diferença e alavancar o trabalho diário de pais e mestres, porque segundo a autora Cláudia Ribeiro (1996):

"Pais, professores e adultos, em geral, têm um papel

importante na formação dos conceitos pelas crianças. A quantidade das músicas, das poesias e dos textos pode desencadear variadas formas de representação, além de suscitar o falar sobre sentimentos. Aliar emoção, pensamento e sentimento, integrar a função imaginativa à realidade e, a partir de diferentes objetos de conhecimento, criar outros, enreda o falar sobre Sexualidade Humana, numa dimensão que transcende simplesmente falar do organismo" (p. 122).

Dentro ainda da metodologia utilizada para as aulas de educação sexual pode-se citar Britzmam (In Louro, 2000, p. 108):

"Na literatura, no cinema, na arte, na música, a preocupação não está em estabilizar o conhecimento, mas em como explorar suas fissuras, suas insuficiências, suas traições e mesmo suas necessárias ilusões. Nessa forma de arte, a incerteza pode causar ansiedade e medo, mas esses afetos podem ser explorados em todo o seu drama, sem sugerir a incompetência da leitora ou do leitor".

E acrescenta-se com a fala de Ribeiro (1996) sobre a arte inserida na educação sexual, como um instrumento de metodologia:

"A música, o filme, a poesia e outras formas de arte podem ser desencadeadoras das mais diversas representações. Aliar emoção, pensamento e sentimento conduzem a construir um corpo sexuado sem a dicotomia organismo/corpo. A criança age sobre os objetos, representa-os, e, na inter-relação com os outros, tornam-se possíveis o sentir e o pensar sobre as próprias emoções" (p. 27).

Com a utilização de materiais relacionados a cultura, a criança constrói mais facilmente seu corpo sexuado, pois a partir desses materiais ela poderá desenvolver vários tipos de linguagem, a oral, a corporal, podendo assim representar, criar, e agir com os outros e consigo mesma e acima de tudo enriquecer suas experiências de uma maneira muito positiva. Com a imaginação e a fantasia a criança poderá elaborar e reelaborar suas experiências vividas

de acordo com a sua estrutura mental e emocional.

"Assim sendo, a intervenção pedagógica que se faz, utilizando materiais da cultura, provocará avanços na construção de um corpo sexuado, pois possibilitará o contato com mais variados objetos do conhecimento, recriando, representando, agindo sobre esses objetos (Ribeiro, 1996, p. 28)".

Essas questões se fazem necessárias cada vez mais nas pesquisas e nos estudos em geral, não só dentro da universidade, mas também dentro das escolas de ensino fundamental, ensino médio, educação infantil, e nos centros de educação não formal, para a descoberta de novas maneiras de pensar a vida, o mundo e as relações que nele ocorrem no âmbito da sexualidade humana.

CONCEPÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA ATRAVÉS E AO LONGO DA HISTÓRIA DO OCIDENTE

Segundo o Aurélio (dicionário básico da língua portuguesa), sexualidade significa: 1. Qualidade do sexual, 2. O conjunto dos fenômenos da vida sexual, 3. Sexo.

E para complementar podemos inserir nesta pesquisa o significado de sexualismo:

1. Estado ou condição de quem tem sexo, 2. A vida sexual; as funções sexuais.

Devemos também levar em consideração não só a definição que o dicionário nos traz, mas também a concepção que os Parâmetros Curriculares Nacionais, um documento do governo em relação a educação, mais especificamente os Temas Transversais, Orientação Sexual, que o governo inseriu na educação em agosto de 1996, com o objetivo de ser uma referência curricular e um apoio para as escolas integrantes dos sistemas de ensino do país.

O ministério se preocupa mais com o aspecto da saúde, com a prevenção de DST e gravidez entre as jovens, considerando que essas questões acabam, de alguma forma, sendo trazidas pelos alunos para a escola e cabe a ela desenvolver a ação crítica, reflexiva e educativa.

Então seria importante conhecer e introduzir nesta pesquisa o que o governo através dos PCNs, acredita como sendo uma referência de orientação sexual e um apoio para os professores e educadores em geral na temática da educação sexual:

"A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. Se, por um lado,

sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo. Nesse sentido, a proposta de Orientação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural. (PCNs)

Partindo das definições do dicionário, da concepção dos PCNs e observando as relações humanas acerca dessa temática, sexualismo ou mais especificamente sexualidade, em épocas passadas ou atualmente, não tem relação somente com o ato sexual, com a reprodução, com carne, com o físico, mas sim também com as relações que se acercam deste ato e de outras atitudes mais subjetivas e intrínsecas, relações essas que abrangem desde o nascimento de cada indivíduo até a sua morte, perpassando pelas ligações dentro da família, no interior da escola e no resto da sociedade, isto é, relações afetivas, sociais, culturais, econômicas, biológicas e até políticas.

Relações não só com pessoas do mesmo sexo, mas também com pessoas do sexo oposto e consiga mesma, construídas ao longo da vida com a influência dos que vivem ao redor de cada ser humano, porém determinantes pela própria pessoa no momento e na época do ato ou da atitude vivida e experimentada.

Em relação a isso está inserido nos PCNs que:

"As formulações conceituais sobre sexualidade infantil datam do começo deste século, e ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores. Para alguns, as crianças são seres "puros" e "inocentes" que não têm sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem a conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve à má influência de adultos. Entre outros educadores, no entanto, já se encontram bastante difundidas as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento de crianças e jovens. (PCNs)"

A relações acerca dessa temática no

final do século XIX, início do século XX,

com a concepção naturalista de um instinto genital que despertaria na puberdade, tendo uma finalidade biológica de reprodução, era consenso no mundo médico e científico. Com base nesta concepção é que eram compreendidos os comportamentos sexuais, o que chamamos em geral de sexualidade.

A normalidade sexual era definida então pela sexualidade genital do adulto e esta remetida portanto, à consumação do ato sexual com fins de reprodução. Em consequência disso era designado como desvio e aberração psicosexual todo comportamento sexual que escapasse desse quadro. Tanto a masturbação da criança, quanto as perversões do adulto que começaram a ser classificadas, ou a mera busca do prazer sexual ou sua impossibilidade no ato sexual (em certas formas de impotência, por exemplo.) eram consideradas condutas amorais ou anormais. Eram, pensava-se, sinal de degenerescência, de depravação moral ou de uma excentricidade da natureza. O aparecimento do apetite sexual nas crianças já era por si só uma anomalia.

Por tudo isso e muitos outros acontecimentos daquela época e de hoje, a temática "Sexualidade Humana" nem sempre foi vista com bons olhos, porém desde que o ser humano se constitui como tal esse tema atrai muitos estudiosos tanto da área médica quanto da educação, e dentre esses, Foucault e Freud,.

Eles foram alguns dos destaques que marcaram a sociedade da época em que viveram deixando resquícios de suas pesquisas até os dias atuais.

Foucault analisou vários tipos de relações, algumas relativas também à sexualidade humana, extrinsecamente, isto é, relações interpessoais, com pessoas do mesmo sexo ou não, dentro ou fora do ambiente familiar, estas ocorrendo com o ser humano dentro da sociedade que o cerca, através de ações e reações relacionadas a política, economia, cultura, medicina, ou seja, às diversas áreas as quais o ser humano influencia e é influenciado por elas.

Já Freud, no início do século XX, com suas concepções e sua definição revolucionária da sexualidade vieram por de cabeça para baixo os dados dessa questão e abrir um debate que permanece até hoje. Ao inscrever o sexual ali onde até então era impensável – na infância – Freud afirmou que a influência determinante no ser humano de uma ordem libidinal, inconsciente e isso não só na instauração e no exercício da sexualidade no sentido corrente do termo, como também nos diversos aspectos do que ele definiu como sexual, um conjunto de sintomas, sem relações com a sexualidade tal como ainda é comumente concebida.

Freud (1920), através dos olhares do ser humano, também analisou as relações acerca da sexualidade humana, intrinsecamente, isto é, sentimentos e sensações provocados pelo eu interior em relação ao outro e a si mesmo, manifestadas nos relacionamentos sociais, culturais, econômicos, políticos e afetivos, relações intrapessoais.

Analisando a sexualidade podemos observar que desde os tempos

primórdios essa temática preocupa os homens e as mulheres, por isso Foucault (1999), relata que, o surgimento das sociedades industriais, aumentou significativamente os estudos sobre a sexualidade humana, devido à preocupação em disciplinar os corpos para o trabalho. Médicos e educadores passaram a agir em relação a jovens e as crianças e também aos riscos que ambos podem correr com tantas sexualidades diferentes e com a prevenção de comportamentos como: o homossexualidade, a masturbação, o adultério.

A sexualidade desta forma se tornou um perigo, porque os próprios médicos e educadores influenciavam toda a sociedade alimentando-as com suas concepções que consideravam a sexualidade como uma necessidade a ser controlada e fiscalizada.

Desta forma, segundo Louro (1997), as relações de poder que existem entre os que ditam as normas da sociedade em geral e aos que se submetem a essas normas, fazem com que essas relações de poder estejam ligadas com as relações acerca da sexualidade; fazendo com que se confirme a sua historicidade, sociabilidade e principalmente politização.

E para que as relações de poder se modifiquem é preciso que haja liberdade, revolta, e resistência.

Assim sendo, é necessário cuidar para a classe, a raça, o gênero e a sexualidade não sejam aspectos de dominação e opressão, mas que essas diferenças entre indivíduos, ou seja, a heterogeneidade, possa ser aceita sem maiores conflitos seja dentro da família, da escola ou em toda sociedade.

Além de Louro (1997), Foucault (1999) também compara as relações de poder com as relações acerca da sexualidade. A partir dessas relações ele nos relata que a igreja através do poder que tinha e tem sobre os seus adeptos utilizou-se deste instrumento para controlar os comportamentos que pudessem ser desviados. Questões sobre a sexualidade deveriam ser faladas, contadas, relatadas.

Questões acerca da sexualidade, como: relações sexuais, casamentos, namoros, a descoberta do próprio corpo pela criança, do sexo pelo adolescente, enfim as relações acerca da sexualidade dentro ou fora do casamento, não podiam ficar em segredo e esta norma continuou através dos tempos. A necessidade de falar e de se estudar a sexualidade partia da parte dos médicos, dos educadores e dos psicólogos direcionando o indivíduo dentro de seus diferentes ambientes e vivências.

Tanto é que os estudos sobre a sexualidade humana, segundo Foucault (1999), começaram a aparecer basicamente à partir dos estudos das vivências familiares e de suas relações que são estabelecidas entre elas e a sociedade em geral, a família era e é ainda muito observada, pelos médicos, pelos educadores, pelos psicólogos, pelos advogados, até mesmo pelos economistas e pelos políticos.

E dentro da família, mais especificamente que a criança, sendo

menino ou menina, nem sempre recebeu atenção especial em relação ao seu desenvolvimento e crescimento, tanto físico quanto mental e emocional. A criança era tratada como um adulto, mas desde mais ou menos final do século XIX e início do século XX, começou-se e aumentou-se cada vez mais a preocupação com a criança e ao adolescente, como hoje que tem toda uma iniciação e preparação para a adolescência, uma diferenciação de fases, como primeira e segunda infância, puberdade, adolescência, fase adulta e finalmente terceira idade. A infância e a adolescência não tinham um olhar especial e diferenciado, isto em relação a todos os aspectos, inclusive a sexualidade.

Quanto a isso pode-se voltar um pouco ao passado para que possamos perceber que, no século XIX, a criança era considerada:

"...como entidade físico-moral amorfa e em nome de sua proteção, com o trunfo da mortalidade infantil e dos efeitos nocivos da falta de informação da família nas mãos, os médicos esboçaram trabalhos sobre amamentação, regras de conservação da saúde e de desenvolvimento das forças físicas e intelectuais. As técnicas para uma educação higiênica orientavam a criação de hábitos, com o objetivo de prevenir as más inclinações como, por exemplo, a masturbação, o uso de bebidas e de drogas" (Camargo, 1999, p. 22).

Mas conforme César (1998) relata:

"Com a criação da adolescência enquanto objeto de investigação e controle, o sexo foi um dos principais alvos da aplicação dos dispositivos reguladores que criaram uma série de novos personagens sexuais. Consagrados pelas ciências médicas por meio de sua classificação rigorosa, os novos personagens sexuais criados permitiram separar e manter as fronteiras entre normalidade e patologia" (p. 87). ... "No século XX, a sexualidade do jovem já havia sido inscrita no campos das perversões pelo discurso médico e dos reformadores do século XIX. Com a plena consolidação do discurso psicopedagógico sobre a "sexualidade adolescente", ela reafirmaria seu estatuto enquanto "transgressão" tornando-se agora, entretanto, um "problema" "inerente" do "adolescente"(p. 88).

Contudo os preceitos médicos do século XIX não ficaram apenas no âmbito da família, foram introduzidos também na escola uma medicina higienista preocupada com a forma física, intelectual e moral, isto é, a educação sexual dentro da escola era muito relacionada com a preocupação com o corpo e a higiene do físico e não com o desenvolvimento corporal e mental, ou seja, integral da criança e do adolescente. Claro que essa educação sexual que ocorria nas escolas daquela época era implícita e inserida nas relações educador-educando, e este caráter relacionado a sexualidade humana, principalmente infantil e juvenil, ocorria devido a influência das relações existentes no interior da família burguesa ocidental, como dentro da família existia a figura da mãe higienista e do pai controlador e autoritário, estes aspectos chegavam até a escola com grande ênfase, porque como as famílias eram controladas pela sociedade, a escola também devia ser controlada por algo, então o era pela família e pelo resto da sociedade.

Continuando no pensamento da sexualidade infantil e juvenil, no século XX, Freud (1920), para contrapor-se ao pensamento da sociedade da época que ele viveu, que pensava que a criança e o jovem eram assexuados e que se a criança possuísse uma sexualidade era caso patológico, ele relata em seu livro *"Três Ensaios Para a Teoria da Sexualidade"*, que a criança como o adulto também é organizado e constituído de sensações e sentimentos relativos à sexualidade e que tais aspectos são normais e não preocupantes. Para chegar a essa conclusão, ele estudou a sexualidade humana nas diferentes fases do indivíduo, levando em conta as análises feitas nas áreas médica e psicanalítica, porque estas eram as suas áreas de atuação.

Já César (1998) relata em sua tese de mestrado que enquanto muitos médicos, antropólogos, psicólogos, psicopedagogos pesquisam e acreditam que a adolescência é apenas formada por transformações físicas, outros estudiosos já acreditam que os adolescentes passam também por transformações psicológicas permeada pelas relações acerca de sua sexualidade em relação aos outros e em relação a si mesmo, com o sexo oposto ou não.

E por causa da adolescência vários estudos surgiram sobre o desenvolvimento e também construção da sexualidade, com as ditas anomalias ou anormalidades dos jovens em relação à sua sexualidade.

Porém os médicos e educadores preferindo que o sexo acontecesse somente dentro do casamento e para a procriação, começaram cada vez mais a valorizar a educação sexual para que não ocorresse doenças, transgressões e desvios dentro da sexualidade, assim sendo o menino só teria relações heterossexuais e as meninas perderiam sua virgindade após o casamento. Mas a situação complicou-se quando autores como Reich nos anos 60 e 70

incentivaram a revolução sexual dos jovens como conquista de sua liberdade sexual, e a arma dos pais e educadores passou a ser a educação sexual, cada vez mais controladora e fiscalizadora.

E em relação a esses relacionamentos sobre a sexualidade humana que Freud (1920) traz em suas pesquisas, que muitos autores estudam as atitudes dos adultos atribuindo às particularidades apenas a hereditariedade se esquecendo que o adulto tem uma outra pré-história, que se encontra na existência de cada um, a outra pré-história é a adolescência e antes ainda, a infância, isto é, pode-se perceber em seu estudo, que as experiências e acontecimentos da vida do adulto podem muito bem ter sido influenciados na sua mais tenra infância.

A partir do pensamento de Freud (1920), foi observado que muitos problemas dos adultos podem vir de sua infância. Baseado nessa questão, pode-se perceber a importância de uma educação sexual preocupada com o desenvolvimento biopsicosocial da criança e do adolescente, para que estes não sofram conseqüências desastrosas no futuro.

Não só Freud (1920), mas também Foucault (1999) estudou, pesquisou, escreveu e relatou questões sobre a sexualidade humana, inserindo sua influência na transformação da sociedade em geral, se atendo mais as questões externas do que as internas, que o primeiro autor analisa.

Esta influência da sociedade em relação ao eu interior, e vice-versa, se manifesta nas atividades sexuais, tanto da infância quanto da fase adulta, entre homens e mulheres; na relação com o sexo oposto e com o mesmo sexo; no matrimônio segundo Foucault (1999) e senso tratados esses relacionamentos sobre a sexualidade mais especificamente, nos livros *"História da Sexualidade"*, volume I (*A Vontade de Saber*), II (*O Uso dos Prazeres*) e III (*O Cuidado de Si*).

Foucault (1999) remete-se a determinados personagens muito importantes da história antiga para discutir sobre o uso dos prazeres do sexo, de que forma, em que época da vida, em que condições de clima e alimentação, que idade e com quem, porque os usos dos prazeres do sexo não só influenciavam a vida no casamento, mas a vida individual do ser humano, a política, a economia, e a sociedade da cidade em que vivem, influenciando assim nesses aspectos podendo ou não afetar o progresso da cidade como um todo.

Com isso, os médicos, as famílias e os educadores da época que Foucault (1999) estudou não se ocupavam somente no desenvolvimento individual de cada um, mas no coletivo, o que o comportamento de cada um poderia interferir na vida coletiva da cidade.

Por esses aspectos, a educação sexual da criança e do jovem não eram pensadas e planejadas objetivando o desenvolvimento integral destes, mas estudava-se as relações com o intuito do progresso social, econômico e político da sociedade em geral, recebendo sim

grande influência da família e do resto da sociedade.

Estas preocupações tão acirradas acerca da sexualidade foram relatadas por Foucault (1999), no primeiro volume do livro "*História da Sexualidade*", que discorre sobre a sexualidade da criança e a preocupação de médicos, pais e educadores e mais tarde dos psicólogos em relação as atividades sexuais infantis e juvenis, que podem estar indo contra a natureza, porque segundo os estudiosos da época, não são naturais do ser humano sexualidades diferentes como a masturbação, a homossexualidade, e até a sexualidade expressa na infância.

Não só a preocupação com as sexualidade infantil e com os seus reveses, mas também a preocupação com o papel da mulher e do homem, antes e depois do casamento, a educação sexual diferenciada para ambos, desde a época de pensadores citados por Foucault (1999), e nos estudos citados por Freud (1920), já causavam marcas na sociedade, influenciando as relações internas e externas em todo e qualquer ambiente de convivência.

O ser humano da sociedade atual também traz vestígios de épocas não tão remotas assim, como crenças da "Era Vitoriana" e o "Puritanismo" (correntes de pensamentos e práticas sobre a sexualidade humana vindas da Inglaterra).

Os adeptos da primeira reprimiam a sexualidade e qualquer ramificação desta vertente tanto fora do casamento, quanto dentro dele, o sexo era praticado apenas para a procriação de filhos e com grande controle, mesmo dentro desta especificidade, isto ocorria para maior benefício da sociedade; a segunda corrente, Puritanismo pensavam que:

"Apesar de não se oporem ao sexo dentro do casamento os puritanos eram intolerantes com o adultério e a idolatria num sentido prático, virtualmente sem paralelos na história da Cristandade. Foram eles que desenvolveram (particularmente no seu ramo americano) uma extraordinária paranóia sobre orgias sexuais satânicas, o que levou a uma metódica e disseminada perseguição às bruxas" (Ribeiro,1989).

Essas correntes surgiram a partir do século XVIII, pois antes a sexualidade era muito mais liberada e menos vigiada, controlada ou punida, e isso foi mudando com as idéias repressoras vindas da Igreja Católica.

Tão repressoras que o ser humano foi sendo violentado fisicamente e psicologicamente, não só sendo queimado na fogueira na Idade Média pela Igreja Católica, mas posteriormente sendo agredido simbolicamente pelas regras e normas da sociedade em geral, e acumulando traumas vindos de suas relações com os outros e consigo mesmo.

Freud (1920) analisou e chegou a conclusão que esses traumas sexuais e outros, estão no passado; da criança, do adolescente e do adulto, advindos de uma criação opressora e repressora, recebendo interditos da família e do resto da sociedade, de suas relações consigo mesmo e com os outros, não estando isentos de controles sociais, históricos e psicológicos da sociedade que lhe cerca.

E esta mesma sociedade que Freud (1920) estudou no início do século XX, uma sociedade que via a sexualidade como algo errôneo de ser vivido, ainda vê a sexualidade como uma coisa suja, feia ou até caso para a medicina curar, para os educadores reprimirem e os advogados sancionarem.

Foucault (1999) não utiliza a palavra trauma, mas discute possíveis conseqüências que podem ocorrer com repressões e abusos de poder vividas na infância e na adolescência; ele analisa que a educação sexual se limitava às regras de prudência e não de iniciação; não existia uma educação sexual preocupada com o bem estar biopsicosocial das crianças e adolescentes, a preocupação era de vigiar e punir da parte da igreja, de controlar da parte dos educadores, de julgar segundo o poder judiciário, de medicar, precaver e curar conforme os médicos, por essas precauções não existia uma orientação esclarecedora, uma transmissão de informações, e uma preocupação com a formação da criança e do adolescente sobre a sexualidade humana.

Freud (1920) e Foucault (1999), não inventaram a concepção de sexualidade humana, mas resgataram um pouco das vivências interiores e exteriores, respectivamente, do ser humano enquanto um ser social, histórico, político, cultural e psicológico, que se relaciona tanto com pessoas de sexo oposto quanto com pessoas do mesmo sexo, e se relaciona também consigo mesmo quotidianamente, por isso não sendo só importantes as relações com outros, não sendo só influenciados pelos acontecimentos exteriores, mas também interferindo com o seu eu interior nas relações de outrem.

Esses autores também alavancaram o entendimento das relações humanas com os outros e consigo mesmo acerca dessa temática, para assim conhecer o passado para compreender e aceitar sua história e sua trajetória durante os séculos e durante os anos de sua vida, valorizando um dos aspectos da constituição humana, a sexualidade, para que esta não fosse mais vista como algo anormal, antinatural, mas como algo que faz parte do corpo e da mente e é uma necessidade da vida de cada um.

Consequentemente, como esses autores deram uma grande importância para a sexualidade humana, precisa-se outros pessoas continuarem desenvolvendo estudos detalhados e preocupados com a construção da própria identidade e desenvolvimento do corpo e da mente para assim facilitar as relações em torno da sexualidade humana e não para tornar mais complexas do que já são vistas.

COMO A SEXUALIDADE HUMANA E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO SEXUAL SÃO VISTAS ATUALMENTE

Atualmente, a sexualidade é um pouco menos reprimida que antigamente, as instituições políticas, médicas, religiosas, culturais, sociais que agem sobre a sexualidade humana estão um pouco menos repressoras, mas a concepção de que se tem dela ainda é um caso levado para médicos, psicólogos e educadores, advogados, para curar, dialogar, educar e sancionar.

Foucault (1999) acredita que a sociedade está um pouco mais liberal, falando-se, estudando-se, analisando-se e questionando-se mais sobre o assunto, não só dentro da medicina, mas também dentro da psicologia e da educação, mesmo contando com a repressão que ainda existe neste âmbito.

Repressão, indiferença, etc., podem variar não só de século para século, mas de cultura para cultura: cada uma delas encarando a sexualidade de uma maneira diferente.

Pode-se observar que cada país, cada região com sua cultura peculiar educa sexualmente seus jovens de acordo com seus critérios, transmitindo valores conservadores ou liberais.

Conforme Ribeiro (1996) que observa:

"Cada cultura possui seus mitos, crenças e costumes, isto é, sistemas de significação. O grupo cultural fornece o universo de significados que ordena o real em categorias. As crianças têm idéias próprias a respeito da realidade em que vivem e constróem seus modelos representacionais que dizem respeito aos aspectos do mundo natural, psicológico e social a partir dessa realidade" (p. 120).

Ainda segunda a autora acima:

"Muitas vezes, em nossa cultura, as crianças são impedidas de abordar o tema da sexualidade, incorporando muito cedo o tabu que a envolve. A informação necessária e de forma adequada, possibilitando a construção/autoria dessa informação, faz com que as crianças se sintam tranqüilas com relação à própria

sexualidade, e possam desenvolver-se no sentido de se tornarem indivíduos conscientes dos valores e direitos que antecedem os contratos da sociedade, recuperando muito da alegria e prazer de viver" (p. 99).

Dentro desse aspecto da repressão da sexualidade humana, Louro (2000), nos traz que a cultura tem grande influência, porque são nas marcas de determinada cultura e na sociedade que o ser humano constrói sua inscrição de gênero, masculino ou feminino, nos corpos, elas são

"definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade, (...), todas e não apenas as identidades sexuais de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc.," (p. 11, 12).

Por exemplo: nas tribos e povos da África (Ngnomi, Cewa), da Índia (Múrias), da Oceania, das Américas (Kubeo), a iniciação sexual é incentivada antes do casamento, as meninas e meninos têm amantes não sendo obrigados a se casarem com eles (Costa, 1984).

Já na Europa, e nos países de herança judaico-cristã, geralmente a menina tem que se guardar virgem para o casamento e o contrário é exigido para os meninos. A virgindade masculina é motivo de vergonha, e segundo Costa (1984) em uma opinião mais divergente, acredita que quem na verdade deve escolher o momento certo para iniciar-se sexualmente são os próprios jovens e não uma determinada cultura ou os pais querendo estipular o tempo ideal para que os jovens se iniciem sexualmente ou tomando decisões acerca de sua sexualidade.

Graças aos estudos de muitos teóricos sobre essa temática, podemos constatar que houve uma mudança da visão sobre a sexualidade humana devido a inúmeras transformações políticas, econômicas, sociais e culturais dos tempos modernos do século XIX, com as

"mudanças na vida familiar e reconhecimento da diversidade nos padrões de vida doméstica, o que sugere que a própria família é uma forma historicamente cambiante" (Louro, 2000, p. 64),

Transformações estas ocorridas também através dos séculos, que influenciaram as vivências de homens e mulheres, e que também foi responsável pela inserção da mulher no mercado de trabalho, e também:

"mudanças nos padrões de fertilidade e a utilização mais ampla de técnicas de natalidade, aborto, etc., o que tem possibilitado novas potencialidades nas relações sexuais entre homens e mulheres" (Louro, 2000, p. 64).

Isto fez com que parâmetros de comportamentos ou atitudes sexuais passassem a ser repensados e transformados de acordo com as necessidades dos homens e das mulheres, do ser humano em geral e do mercado de trabalho da comunidade em que viviam e vivem.

Também os papéis sexuais masculinos e femininos passaram a ser mais discutidos e segundo Louro (1997), o papel que a mulher sempre teve na sociedade ocidental, de submissão e dominação, já desde muito tempo, foi sendo transformado pelas próprias mulheres que construíram e continuam construindo ao longo da história, e também conquistando assim novos espaços em diferentes áreas, inclusive na política.

Com a construção deste novo papel feminino, Louro (1997) liga o termo gênero à identidade do ser humano, porque ele não é apenas raça, etnia, nacionalidade, credo, mas também masculino e feminino, homem e mulher. E a partir disso a autora desconstrói essa dicotomia do que é o homem e do que é a mulher, destruindo assim o conceito de que o primeiro pode ser superior ao segundo ou vice-versa, ou dos sexismo que existe quando se fala em coisas de mulher e coisas de homem.

Então, segundo a autora citada acima é preciso que se desconstrua cada vez mais essa dicotomia em relação ao gênero existente na sociedade, e que embora seja homem e a mulher diferentes biologicamente, dentro dessa diferença coexiste uma relação educacional, política, econômica, social, cultural e psicológica.

Mesmo que os estudos sobre sexualidade humana tenham se intensificado, a repressão e a opressão que as crianças e os jovens sofreram tenham mudado, ainda existe em muitas famílias e escolas e em algumas partes da sociedade o "faz de conta" que as crianças e os adolescentes não se constituem também de uma sexualidade e não podem expressá-la nos corpos e nas relações que envolvem suas vidas.

Mas como defende Louro (2000),

"Os corpos ganham sentido socialmente" (p. 11).

A sexualidade não está inserida somente nos "corpos" dos homens ou das mulheres, das crianças, dos adolescentes e dos adultos, ela é construída através dos rituais, da linguagem, das fantasias, das representações, dos símbolos, das convenções, ou seja, através dos processos históricos, transformados da natureza dos corpos.

Desta forma, uma educação sexual esclarecedora e abrangente se faz necessária porque visará a construção de identidade de cada indivíduo e o seu desenvolvimento biopsicosocial, conforme o relato de Ribeiro (1996) nos diz:

"Para que a criança desenvolva qualquer senso de identidade ela identifica-se como homem ou mulher, mas o senso de si mesma como pessoa, única, singular, desejosa, pensante fica muitas vezes petrificado, estagnado o desempenho de seus papéis, como homem ou como mulher. A identidade necessária para a elaboração de um papel, significado com raiz, matriz, torna-se, nessa medida, limitante, pois identidade pressupõe a mesma, idem, igual. A permanência da identidade e sua superação implicariam a busca da singularidade, a busca de novos significados para o corpo sexuado" (p. 99).

Para isso Britzmam (In Louro, 2000), propõe que a educação sexual, ocorrida nas escolas ou nas famílias, não tenha um modelo eugenista e/ou higiênico social, mas sim, um currículo próximo da dinâmica da sexualidade humana e do "Cuidado de Si" como o próprio nome do livro de Foucault (1999) que se intitula assim. Mas César (1998) defende a idéia de que:

"A higiene física, moral e sexual deveria ser parte do currículo ministrado no interior das escolas, conjugando-se a uma instrução também higiênica no interior da família, a fim de que os adolescentes aprendessem a distinguir o lícito do ilícito, o normal e o patológico, entre o moral e o imoral, ainda que estas últimas categorias se tornassem subordinadas ao plano do discurso científico e dos especialistas da adolescência" (p. 99).

Foucault (1999) em seu terceiro livro da trilogia da História da Sexualidade, "Cuidado de Si" relata sobre as relações inter. e intrapessoais do ser humano com a sociedade e consigo mesmo, entrando em detalhes sobre o cuidado que se deve ter consigo nas relações hetero. e homossexuais, no casamento, no namoro, com os filhos, etc., ou seja, o autor explicita de forma indireta a importância da educação sexual na vida de cada um, seja dentro da família ou na escola.

Porque casamento, namoro, relações com as amigas e com os amigos, sentimentos e sensações em relação ao próprio corpo, ao corpo dos outros, com o eu interior, e com as

emoções das pessoas que vivem ao redor, dizem respeito acima de tudo a sexualidade, podendo serem tratadas em aulas de educação sexual, não necessariamente aulas expositivas, mas debates, discussões acerca do tema da sexualidade humana.

César (1998) em sua dissertação de mestrado, disserta sobre a importância da educação sexual como prevenção ideal e no cuidado de si tanto na prevenção da AIDS como em outras dificuldades:

"Cabe ressaltar que ao mesmo tempo em que o regime de internato foi combatido por incitar a prática dos "vícios", a instituição escolar, como um todo permaneceu como um local de vigilância e controle. Deste modo a escola foi considerada pelos psicólogos como o lugar onde os jovens treinariam seu intelecto e principalmente seus corpos, com atividades regradas que certo ponto deveria ser exaustivas, amainando o desejo sexual. Deste modo, o corpo adolescente deveriam se transformar em templos de virtude verdadeiros modelos sociais" (p. ...).

Sobre essa repressão, César (1998) discorre em sua dissertação de mestrado que:

"As instituições escolares responsáveis pela prática do controle da sexualidade adolescente, acrescidas pelo médico, uma figura complementar da vigilância, e do padre, que permanece como guardião da moral, foram fundamentais para o fortalecimento do discurso sobre o autocontrole do jovem" (p. ...).

Segundo Ribeiro (1989) muitos educadores, médicos, religiosos reforçaram a idéia repressora acerca da sexualidade humana e

"Foi nesse contexto repressor que, em contra- partida, podemos considerar que o campo da sexologia e educação sexual teve seus mais expressivos estudiosos e defensores. Foi na época vitoriana que obtivemos estudos mais freqüentes e sistematizados da sexualidade humana, que contribuíram para o declínio da repressão (não a sua erradicação), mesmo que ainda em nossos dias a visão vitoriana da vida sexual exerça influência nos padrões e comportamentos sexuais e contribua para a

Mas mesmo que tenha diminuído a repressão, não foi erradicada, como nos diz o autor acima, por isso perigos podem acontecer e dentre desses está o que César (1998), em sua dissertação de mestrado, nos mostra através da análise do filme Kids, quando discorre sobre como os adolescentes podem ser um perigo para a sociedade que os rodeia, porque esta os tornou perigosos com suas práticas conservadoras e repressoras. Os adolescentes no filme contraem doenças como a AIDS e transmitem para outras pessoas sem ter o menor discernimento da gravidade da doença e seus efeitos nas pessoas que os rodeia, engravidando sem ter um planejamento familiar estruturado tanto em bases psicológicas como em financeiras para suportar e se responsabilizar tal ato e até tendo uma vida promíscua sem conseguir uma auto-realização emocional satisfatória, buscando sempre parcerias que possam nutrir suas carências afetivas.

Desta forma, percebe-se que a repressão e opressão em relação à temática da sexualidade humana e à resistência em tocar nesse assunto, faz com que a sociedade atual esteja muito mais preocupada com a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e de uma gravidez não planejada na adolescência ou até mesmo na puberdade do que com os aspectos como a virgindade e iniciação sexual dos (as) meninos (as). Com isso a gama de métodos anticoncepcionais aumentou significativamente, o uso da camisinha feminina e masculina também está tendo muita importância no mundo atual, principalmente entre os jovens, tanto para as meninas quanto para os meninos, que se iniciam cada vez mais cedo na vida sexual.

A sexualidade humana continua sendo muito estimulada à fala, ao discurso e ao diálogo, mas nem tanto dedicada a parte médica ou religiosa como antes, mas através dos meios de comunicação que agora estão muito mais apelativos; isso devido também ao seu avanço tecnológico; a televisão, a Internet, os mais variados gêneros de músicas, a valorização das roupas que marcam os corpos para ficarem cada vez mais sensuais, etc..

O padrão dominante de vida sexual; relativo tanto ao ato sexual quanto as relações acerca da sexualidade humana; de beleza exterior (tanto feminina, quanto masculina), de moda, de cultuamento aos corpos "esculturais" estão em voga muito mais que os valores morais, sociais, culturais, econômicos e políticos. As preocupações foram invertidas, não que não se tenha a preocupação dos médicos, educadores e psicólogos relativos aos sentimentos e sensações em relação a sexualidade humana, mas a preocupação em relação a saúde e a manutenção da vida biológica é muito mais com a prevenção dos perigos que a infância e a adolescência possa correr, como as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez

precoce, do que com a construção e desenvolvimento do corpo e da mente sexuais.

Devido a esses perigos e outros tantos acontecimentos sobre a sexualidade humana que os estudos artísticos, psicológicos, sociológicos, históricos, culturais, econômicos, políticos, ou qualquer outra área que for estudar as relações relativas à sexualidade humana deve levar em conta os relacionamentos do cotidiano: no trabalho, com a família, com os amigos (as) e com o namorada (o), etc.; porque o ser humano vive artisticamente, tem relações psicológicas, sociais, culturais, emocionais, econômicas, políticas, com os outros e consigo mesmo, recebendo influência do passado e da sociedade que o circunda, e influenciando os que estão ao redor, fazendo história a todo momento deixando para os que estão por vir vivências, experiências e conhecimentos dessa temática.

FAMÍLIAS:

O QUE PENSAM DA SEXUALIDADE HUMANA E DA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO SEXUAL DENTRO DE SEUS LARES E NO INTERIOR DAS ESCOLAS

Para se estudar a influência que a família exerce dentro da escola, deve-se primeiramente estudar como a família vê a sexualidade humana para depois irmos para dentro da escola e ter instrumentos palpáveis para analisar qualquer relação que possa existir no interior dessa instituição que é responsável pela educação de crianças e adolescentes, juntamente com a família.

Alguns autores como Ribeiro (1996) e Camargo (1999), analisaram a sexualidade humana e a educação sexual e incluíram a família em seus estudos, acreditando existir conflitos e confusões na cabeça de alguns jovens inexperientes, e também na cabeça de seus pais que, muitas vezes, não sabem como lidar com as próprias dúvidas e próprios anseios e também de seus filhos.

Conforme César (1998) pensa, muitos estudiosos do assunto mostraram e mostram preocupações com os filhos adolescentes destas famílias de classes econômicas mais baixas e com famílias da classe alta que se preocupam mais com bens materiais, que se mostram muitas vezes desestruturadas devido ao poder aquisitivo ou no primeiro caso, a falta dele.

Segundo esses estudiosos o equilíbrio pode estar na forma como as famílias de classe econômica média, buscam uma maneira de conviver com seus conflitos, status e outros itens que auxiliam no suporte emocional e moral para os seus filhos.

No entanto, em relação às famílias consideradas desestruturadas podemos citar Boruchovitch (2000) e Costa (1984), percebendo através de suas pesquisas que muitas famílias não têm o cuidado e a preparação suficiente que a sociedade atualmente exige delas, no tratamento das questões da sexualidade. O conhecimento e o diálogo não são possíveis e assim sendo as famílias não tem o que as crianças e os adolescentes necessitam para desenvolverem seu corpo e construírem seus valores e sua identidade acerca da própria sexualidade e a dos que convivem com eles. Uma pequena minoria das famílias podem ter com seus filhos uma relação sadia acerca da sexualidade humana.

Então, não seria ingenuidade colocar em risco o desenvolvimento físico e mental e a construção de sua identidade, das crianças e dos adolescentes só para dar ênfase aos valores cultivados dentro de suas famílias?

Não querendo menosprezar a educação que as famílias brasileiras

ministram em seus lares, mas só refletindo um pouco no efeito que essa educação pode ter no desenvolvimento, crescimento, na construção e no progresso físico e mental das crianças e adolescentes, porque são valores carregados de princípios morais e religiosos, e outros tipos de valores que as famílias se utilizam no cotidiano do interior de suas casas, nem sempre coincidindo com o que é passado nas escolas.

Com isso, tanto as crianças e os adolescentes, quanto os adultos estão sujeitos a transformações, conflitos e dúvidas mentais, físicas e emocionais ao longo de suas vidas, por isso que é extremamente importante conhecer não só o que acontece dentro das escolas, mas também como a criança e o adolescente chega de sua família, quais os conhecimentos, vivências que eles trazem consigo, influenciando assim o andamento da vida escolar.

Alguns estudiosos depois de tantas análises começaram a falar que não só a adolescência seria um momento de crise e conflito, mas também a fase adulta. Essa conclusão surgiu quando perceberam que os adultos cometiam delitos em relação à sexualidade iguais aos adolescentes e por isso não sabiam como agir com os próprios filhos.

Muitos pais receiam falar em sexualidade com seus filhos, porque têm medo que a vida sexual deles aconteça precocemente.

Desta forma existem ainda muitos jovens que não sabem como se precaver de doenças sexualmente transmissíveis, e evitar a gravidez precoce, não sabendo como funciona o próprio corpo e, muitas vezes, se sentindo confusos emocionalmente em relação a si mesmos, a pessoas de sexo oposto e as do mesmo sexo.

Essa situação faz com que as crianças e os adolescentes acabem crescendo bloqueados quanto à sua sexualidade vendo o sexo apenas como meio de reprodução ou fonte de prazer egoisticamente, e sendo geralmente desinformados, podem crescer carregados de preconceitos ou, também, podem crescer querendo experimentar tudo o que vem à mente ou o que vêm nos meios de comunicação, que apenas informam, mas não educam.

Educar é uma função da família e da escola, porque os valores geralmente são passados de geração para geração e com isso a família e a escola exercem um significativo e grande papel na transmissão de conhecimentos e valores para as crianças e adolescentes.

Querendo ou não, a família e a escola têm uma influência marcante na vida das crianças e dos jovens, muitas vezes com a família influenciando as vivências dentro da escola, e a escola influenciando o cotidiano da família.

A escola e a família influenciam assim as relações da criança e do adolescente com o restante da sociedade que o cerca.

Diante disso Costa (1984, p. 140) diz que:

"... a valorização da família no auxílio aos jovens em relação as

dúvidas, conflitos e transformações que ocorrem na adolescência, mas a família pode deixar o jovem em um conflito maior quando insiste em não falar, nem discutir, nem esclarecer sobre a sexualidade humana; é de extrema importância",

demonstra que a família tem uma grande responsabilidade quanto a formação de crianças e os adolescentes, e que estes podem vir a tornar-se adolescentes perigosos para eles mesmos e para os outros se não tomarem consciência das conseqüências de seus atos sexuais enquanto ser humano sexuado, porque mesmo que a criança e o adolescente experimentem muitas vivências na escola é em casa com a família que geralmente passam a maior parte de seu tempo, pelo menos no início de suas vidas, e recebem os valores que carregarão para o resto de suas vidas, interferindo nas relações com pessoas do mesmo sexo e com o sexo oposto e consigo mesmo.

Dentro da importância da família podemos citar o que os PCNs traz:

"Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas se constituirão no acervo psíquico do indivíduo, serão o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos."

Mas ao mesmo tempo que os PCNs traz a importância da família, Suplicy (1991, p. 48) relata que :

"Um grande número de pais acredita que educação sexual é sentar e dar uma aula sobre anatomia ou fazer um discurso sobre os perigos do sexo..."

Mas a autora mostra que a educação sexual ocorre desde que a criança nasce até a sua adolescência através de todas as ações da família e dos mais próximos influenciando assim a formação de personalidade das crianças e dos adolescentes ao longo de suas vidas.

Os pais apenas discursando sobre os perigos do sexo deixará seus filhos ansiosos e com sentimentos de culpa não propiciando um desenvolvimento sadio. Com isso as crianças e os adolescentes dificilmente confiarão em seus pais para exporem seus conflitos e dúvidas dos mais banais aos mais complexos, criando uma relação distanciada entre pais e filhos, fazendo com que procurem o que necessitem fora de casa, seja na escola ou em outros lugares da sociedade.

Muitas famílias que têm o comportamento mais para o medo e resistência do que para o diálogo, geralmente também resistem quando a escola se dispõe a ser responsável por esse aspecto da educação, interferindo no currículo ou até impedindo de que se cumpra um planejamento preocupado com desenvolvimento sexual das crianças e adolescentes, acreditando não ser necessário tratar de tal assunto, valorizando mais as outras áreas da educação esquecendo-se ou fazendo de conta que o ser humano também se constitui de sentimentos, desejos e vontades.

A educação sexual se dá de forma diferenciada não só em cada sociedade, mas também nas famílias, contando que no interior da sociedade em geral, as instituições públicas ou privadas, responsáveis pela educação tanto da criança quanto do adolescente e acima de tudo, as próprias famílias, uma instituição privada, o primeiro ambiente onde a criança, e mais tarde, o jovem recebem algum tipo de educação, preocupada ou não com a construção de uma identidade e com o desenvolvimento sexual, seja corporal ou emocional de crianças e adolescentes.

Por isso percebemos que a família é fundamental para o crescimento e desenvolvimento não só sexual, mas integral de cada um. Claro que cada indivíduo vai absorver cada vivência, cada experiência, cada conhecimento aprendido em sua casa de maneira diferente do outro, levando para o resto da vida cada ação e reação perpassada no lugar onde viveu desde o seu nascimento e com as pessoas com os quais convivem.

Portanto, constantemente deve-se observar e refletir que tipo de educação a família pratica quotidianamente, porque não só o futuro das crianças e adolescentes que está em jogo, mas o seu presente também, do contrário que muita gente pensa que eles são os cidadãos do futuro de uma nação eles são primeiramente crianças e adolescentes necessitados de vivências, experiências e conhecimentos que contribuam para um desenvolvimento e crescimento pleno e integral, para que seus corpos e suas mentes possam contar com uma estrutura e uma base para que assim dificilmente se sintam em conflitos que possam colocar em risco sua identidade e sua vida.

Pergunta-se então:

Educação para a repressão ou para a liberdade, para a iniciação sexual enquanto jovem ou para a valorização da virgindade até o casamento, da conversa e do diálogo ou do

silenciamento?

A resposta está em cada um em específico, de acordo com a criação que teve na família, a educação que recebeu na escola e a influência do resto da sociedade. Julgar um atitude de outra pessoa certa ou errada é pouco viável quando cada um tem armazenado dentro de vivências, experiências e conhecimentos peculiares em relação ao interior de outrem.

Porém, será que, mesmo em cada região tendo uma cultura diferente, em alguma delas, as crianças e os adolescentes estão ou estarão livres de sofrer os conflitos, os desejos, as vontades, as alegrias, as decepções e as frustrações em relação à sua sexualidade e a do próximo, independente do país aonde residem, da política educacional, econômica, social e cultural que é ministrada em cada país e dos ensinamentos, vivências e experiências vividas dentro das famílias, com a escola e com o resto da sociedade?

Será que a criança e o jovem que recebe uma educação sexual esclarecedora e abrangente, toma atitudes pertinentes e coerentes com a educação que recebeu ou até mesmo estas crianças e estes jovens correm o risco de contrair alguma doença sexualmente transmissível ou de ter um filho de uma gravidez não planejada, ou outro tipo de acontecimento que possa contrariar uma vida com educação sexual?

Essas questões acima estão levando em conta apenas o relações exteriores do indivíduo, lembrando as teorias de Freud, pode-se observar que o ser humano não depende somente do que acontece na sociedade, mas também o que acontece no interior dele mesmo, quais os sentimentos e sensações que ocorrem durante sua vida independentemente das coisas que acontecem fora de si, mais um motivo para que aconteça uma educação sexual preocupada com o ser humano integral.

Ribeiro (1989) ampliando a questão da educação sexual, defende a idéia de que

"... a própria família necessita de uma educação sexual" .

Muitas famílias esperam que as escolas ou os meios de comunicação possam educar seus filhos utilizando variados instrumentos concretos e/ou abstratos de diversas áreas de conhecimento, principalmente os meios de comunicação, contando com a televisão e a Internet, devido a influência que estes exercem na transmissão de valores e porque propiciam a divulgação e aceitação de novos padrões de comportamento.

No entanto, nestes meios de comunicação aparecem cenas de nudez, adultério, homossexualidade, masturbação, sexo explícito, estupro, troca de parceiros e portanto apesar disso ao mesmo tempo, as famílias continuam querendo defender a moral e os bons costumes.

Percebe-se então uma contradição no interior das famílias, portanto não seria oportuno estas se dispuserem num trabalho coletivo juntamente com os meios de comunicação?

Para que as crianças e os adolescentes e nem as próprias famílias não se sintam prejudicados com os temas abordados acerca da sexualidade humana.

Ribeiro (1989) critica esse falso moralismo, entendendo porém, que a família recebe influência da mídia, que apenas informa não educa e nem forma a criança e o adolescente, e também o resto da sociedade, na qual o sistema econômico dita as normas e regras de como as famílias e as escolas devam pensar e agir, não só em relação a sexualidade humana, mas em todas as áreas de conhecimento.

Deve-se lembrar também, que segundo Foucault (1999), que foi à partir da família que foram desenvolvidos estudos sobre a sexualidade humana. Estudos sobre a mulher, o homem, a criança, o jovem, o casamento e a educação, porque a família é a primeira instância onde se receberá noções e normas de padrões sexuais, e conseqüentemente influenciará o andamento do currículo estabelecido pela escola e as relações que se acercam dele.

Médicos, pedagogos, psiquiatras, psicólogos, políticos e até economistas estudam, tratam e educam a família, suas relações, suas doenças, e seu planejamento acerca dos filhos e da estrutura global que integra todos os membros.

A preocupação acirrada em cima das relações familiares: o incesto, a regulação dos filhos, a relação destes com os pais, as relações entre marido e mulher, interfere nos aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais da comunidade (Foucault, 1999), e interfere também no interior de cada indivíduo, na maneira como este vê o mundo e se relaciona com ele (Freud, 1920). E vice-versa, a sociedade influi no comportamento familiar, como já dito acima, e cada indivíduo com sua identidade influi nas relações que ocorrem no interior da família.

Para Ribeiro (1996), a compreensão das relações inseridas na sociedade se dá através dos conceitos e entendimentos que se tem dos papéis da família que a criança constrói ao longo de sua infância, ela conseguirá organizar-se internamente e externamente de acordo com os padrões que existem dentro dela própria e com as vivências, experiências e conhecimentos que ela captará de sua família, com a escola e com o resto da sociedade.

O PAPEL E O PENSAMENTO DA ESCOLA FRENTE À SEXUALIDADE HUMANA E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A história da sexualidade dentro da escola nem sempre se deu de uma forma muito harmoniosa, porque a escola nada mais é do que reflexo das vivências das crianças e dos adolescentes com a família e com o resto da sociedade, isto é, tudo o que acontece na escola, tanto entre os professores e alunos, quanto entre professores e entre alunos é resultado das experiências que todos; educandos, educadores e outros funcionários, trazem de casa e das outras relações com pessoas das famílias ou não. A escola está a todo tempo sujeita aos conhecimentos prévios de todos que nela convivem.

Por isso, professores, na maioria das vezes como receberam uma educação diferente e mais conservadora tanto da família quanto da escola onde freqüentaram, divergem dos educandos que por sua vez podem estar tendo uma educação mais liberal da sociedade e da família.

A escola desde seus primórdios trata a sexualidade como um assunto à parte, como algo que não deve ser visto, falado, nem sequer mencionado, isto se deve fundamentalmente às influências que as crianças e os adolescentes trazem de casa e do resto da sociedade.

Portanto, como será que a escola pode utilizar a influência da família de forma que as crianças e os adolescentes não se sintam confusos com informações diferentes vindas da escola e da família, ou seja, vindas de fontes diferentes?

Os PCNs sugerem como deve ser o trabalho feito pela escola em conjunto com a família:

"De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência através da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui-se num processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (PCNs, p.)"

E essas abordagens diferentes da família e da escola, não apenas biológicas, são

construídas social e historicamente, e principalmente na escola essas construções são alimentadas quotidianamente, através das relações com pessoas do mesmo sexo, com o sexo oposto e consigo mesmo. De acordo com Louro (1997), muitos professores tratam os alunos com muitas demonstrações de sexismo e machismo, valorizando o papel masculino, isto tudo implicitamente permeando as relações no interior da escola, ajudando a continuar reproduzindo e legitimando os papéis sexistas entre pessoas de gêneros diferentes que foram produzidos pela sociedade.

Sobre esse comportamento repressor da escola podemos também citar Ribeiro (1996) que nos relata a experiência que passou em uma escola com a prática da educação sexual. A autora observou uma abordagem proibitiva no comportamento escolar em relação a sexualidade humana, mesmo que tenha sido criado um clima de descontração, utilizando materiais ligados a arte e a cultura para que as crianças se sentissem mais à vontade para falar sobre sexualidade humana, um assunto na maioria das vezes polêmico. E por se tratar da escola o clima precisa estar sempre tranqüilo e natural para que as crianças e adolescentes tenham mais possibilidades de elaborar suas próprias concepções sobre a sua sexualidade e a do próximo, conseguindo assim construir relações com os outros e consigo mesmo, não só acerca da sexualidade mas em todas as outras.

Porém, a preocupação com a construção das identidades e das relações acerca da sexualidade nem sempre é o maior objetivo da escola, um deles pode ser com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e com a gravidez precoce na adolescência e na puberdade. Nem sempre as escolas estão preocupadas com os itens acima citados, isto é, com o desenvolvimento integral de cada criança e cada adolescente, com seu bem-estar biopsicosocial.

Mas também existem escolas que centram seu processo pedagógico a esses aspectos da educação.

A educação sexual na maioria das escolas foi e é vista como algo que instiga coisas negativas, como falar em assuntos que geram discussões, debates, conflitos, podendo deixar incertezas, conflitos e dúvidas onde pensava que havia pensamentos certos e seguros.

Mesmo assim os PCNs defendem que é a função da escola desenvolver a ação crítica, reflexiva e educativa sobre a sexualidade e suas representações.

"Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e

que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.

...

Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir frente à relevância dessas questões, constituindo-se em local privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. (PCNs,) "

Mas para que esse papel não flua de forma muito sofrida, um trabalho feito simultaneamente com alunos e pais, como Ribeiro(1989), relata em sua tese de mestrado, pode ser uma alternativa para que o processo da educação sexual das crianças e jovens tenha resultados positivos, tanto para os educandos, quanto para os pais e os educadores.

Os pais e a escola, são fundamentais para aos jovens e as crianças em relação à educação sexual, porque como Suplicy (1991) mesmo acredita que

"Só informar não basta. Para desenvolver uma atitude positiva em relação ao sexo, o mais importante é encorajar a expressão da sexualidade, desde a infância. Esta atitude é que propiciará o crescimento da capacidade de relacionar-se afetivamente com o outro e de usufruir de uma relação sexual" (p. 27).

Uma educação sexual, segundo os PCNs, que se preocupe em:

"... problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A Orientação Sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. Tal postura deve inclusive auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal. Apenas os alunos

que demandem atenção e intervenção individuais devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola e, dentro desse âmbito, poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado. (PCNs,)"

Como a citação dos PCNs e segundo outros autores:

"A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para empreender essa tarefa. Por exemplo, na discussão sobre a virgindade entre um grupo de alunos de oitava série com seu professor abordam-se todos os aspectos e opiniões sobre o tema, seu significado para meninos e meninas, pesquisam-se suas implicações em diferentes culturas, sua conotação em diferentes momentos históricos e os valores atribuídos por distintos grupos sociais contemporâneos. Após essa discussão é uma opção pessoal do aluno tirar (ou não) uma conclusão sobre o tema virgindade naquele momento, não sendo necessário explicitá-la para o grupo. Já no espaço doméstico o mesmo tema, quando abordado, suscita expectativas e ansiedades dos pais, questões muito diferentes das discutidas em sala de aula.

Assim sendo, propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Experiências bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas

que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula."

Formar com uma educação sexual que visa a uma orientação sobre as transformações do corpo e da mente; sobre a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (principalmente atualmente com a AIDS); de onde e como os bebês nascem; ensinar como se utilizam os métodos contraceptivos e a importância da camisa de Vênus; como os órgãos genitais masculinos e femininos funcionam e suas diferenças; esclarecer psicologicamente e emocionalmente sobre relacionamentos com o sexo oposto, com o mesmo sexo e consigo mesmo; esclarecimentos sobre a homossexualidade e a bissexualidade; sobre a legislação do aborto, as consequências deste, porque existe e suas divergências e convergências, a necessidade e os motivos de cada um; quando ocorre a iniciação sexual dos homens e mulheres e discutir se há diferença de idade e porque; demonstrar as diferenças da iniciação sexual entre o Brasil e outros países; esclarecer a constituição de famílias diferentes e suas repercussões na sociedade; quebrar tabus, crendices e abusos de poder dos meios de comunicação e da elite dominante; discutir as relações de gênero como o machismo, o feminismo; o papel da mulher e do homem na nossa história, desde os tempos remotos; aprender a lidar com as sensações e sentimentos e, acima de tudo, esclarecer as possíveis dúvidas e amenizar os possíveis conflitos sexuais que poderão vir a acontecer na infância, na puberdade, na adolescência ou na fase adulta.

Como reitera Suplicy (1991), uma educação sexual que defenda alguns princípios como:

- "- O respeito por si próprio e pela sua dignidade como pessoa.*
- O respeito ao outro. A ninguém é permitido ver o outro somente como meio para satisfazer suas necessidades .*
- O acesso à informação. Responder o que a criança quer saber de forma honesta e não preconceituosa.*
- Ajudar a criança a desenvolver o espírito de crítica. Através da não supressão da curiosidade e do estímulo ao questionamento a criança desenvolve a capacidade de raciocínio, adquirindo condições para refletir sobre o que a cerca e escolher o que lhe convém" (p. 28, 29).*

Será uma educação sexual, na qual os educandos poderão construir sua sexualidade livre da influência dos tabus, preconceitos e abusos de poder construídos historicamente e culturalmente passados de geração para geração como nos relata Camargo (1999) em seu livro.

Louro (1997) defende a educação sexual, para educar, orientar as crianças e adolescentes, mostrando, explicando, distinguindo, diferenciando os sentimentos envolvidos tanto das mulheres, quanto dos homens nas relações sexuais com o próprio sexo, com o sexo oposto. Entretanto, deve haver uma educação sexual eficiente, que os professores e os profissionais ligados à educação tenham uma formação adequada, e uma colaboração efetiva por parte da família, para que a família ou a escola sozinhas não corram o risco de entrarem em conflito com a própria sexualidade e tenham definidos o que vão informar e como vão formar as crianças e os adolescentes sobre a temática da sexualidade humana.

Britzman (In Louro, 2000) coloca várias questões em relação como os profissionais se portam ou pensam acerca da educação sexual com crianças e jovens.

"O que acontece com a sexualidade quando professores e professoras que trabalham no currículo da escola começam a discutir seus significados? Será que a sexualidade muda como o professor ou a professora devem ensinar? Ou será que a sexualidade deveria ser ensinada exatamente da mesma forma que qualquer outra matéria? Quando os professores pensam sobre a sexualidade, o que é que eles pensam? Que tipo de conhecimento poderia ser útil para seu pensamento? Existe uma posição particular que se deveria assumir quando se trabalha com o conhecimento da sexualidade? Quais as relações entre o conteúdo pedagógico e as interações que temos com os alunos e as alunas?" (Louro, 2000, p. 85).

Louro (1997) acredita que a sexualidade infantil e juvenil pode se tornar um problema para educadores, porque estes muitas vezes pensam que discutindo sobre o assunto, a sexualidade pode ser despertada precocemente nas crianças e nos jovens.

Para alguns feministas seria até bom separar meninos de meninas para que estes conseguissem construir sua autonomia e espaço na sociedade, mas logo após pensarem nisso dessa forma voltam atrás e se perguntam se tanto os meninos quanto as meninas conseguiriam construir sua heterossexualidade, homossexualidade ou até bissexualidade sem preconceitos, culpas e julgamentos parciais.

Nem sempre os profissionais da educação, e mais especificamente os que trabalham com a educação sexual, refletem sobre a sua prática cotidiana em relação a essa temática, infelizmente, o que geralmente se vê nas escolas é a professora de ciências ensinando apenas como se constitui o corpo humano, como o próprio PCN mesmo nos traz:

"Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem Aparelho Reprodutivo no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem através da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo.(PCNs,)".

Discute-se apenas as diferenças entre o homem e a mulher somente no físico, não discutindo as relações que acontecem acerca da sexualidade humana, colocando critérios de certos e errados, e na própria vida não existem somente critérios certos e errados, porque o ser humano não é exato, não é isto ou aquilo, a vida é muito mais do isso, existe também um meio termo, existem também os conflitos, as confusões mentais que surgem na cabeça de jovens e adultos quando tem sua sexualidade desnuda.

E:

"Num contexto desses, as discussões morrem, todo mundo começa a olhar para o relógio e os/as estudantes saem da aula sem ter obtido qualquer compreensão sobre suas preocupações, sobre seus desejos, sobre relações sexuais. Os/as estudantes tendem a esquecer qualquer aula que seja vista como algo que tenha a ver com a autoridade da escola e com a autoridade do professor" (Louro, 2000, p. 86).

Segundo a mesma autora esse papel autoritário da escola muitas vezes legitima e alimenta as diferenças como apenas biológicas, contradizendo a construção histórica e social; muitos professores tratam seus alunos enfatizando o sexismo e valorizando o papel masculino na sociedade e dentro da escola, determinando papéis fixos para meninos e outros para meninas.

Nem sempre os professores têm culpa do trabalho que fazem, porque estes nunca tiveram uma preparação, uma preocupação ou até muitos sentem medo da repercussão que a prática da educação sexual possa ter, em relação a esse tema, tanto da parte deles quanto da parte da própria escola, o professor sozinho não pode fazer milagres dentro de uma instituição que depende de uma estrutura especial para funcionar, a discussão sobre a sexualidade humana deve partir da escola em conjunto para que os professores se sintam seguros sobre o que vão trabalhar em sala de aula e possam ter base teórica e também uma estrutura por trás para contar nas horas de conflito, isto é, profissionais falando a mesma língua, organizando coletivamente um trabalho que tenha o nome da escola e não só de alguns ou de um, que converse e discuta também coletivamente com a família sobre o projeto fundado da instituição, explicando como e porque das atividades feitas no interior da escola.

Como nem sempre é isso o que acontece, os educandos acabam mais uma vez buscando informações para as suas angústias e ansiedades nos meios que falam a mesma língua que eles, ou seja, com os colegas mais experientes ou nos meios de comunicação, como revistas, jornais, televisão e atualmente Internet.

Felizmente existem escolas que refletem sobre a sexualidade humana no seu cotidiano, isto pode ser observado nos vários relatos de experiências de professores em suas salas de aula, conforme Camargo (1999).

Em um dos relatos, uma educadora conta que fez um trabalho com crianças de três a sete anos sobre sexualidade e a escola se propôs a chamar os pais para eu a educadora trabalhasse o mesmo tema que estava sendo trabalhado com seus filhos, com isso os pais trabalharam o tema da sexualidade em horário oposto das crianças, estas tornaram-se curiosas sobre os trabalhos feitos de seus pais e os pais se interessaram como seus filhos estavam tratando do tema

Com essa união dos pais com seus filhos no debate sobre a sexualidade humana a educadora conseguiu resultados significativos, enriquecendo o cotidiano das crianças com novas descobertas feitas através das conversas delas com pais em casa, com os colegas e com os educadores, e também enriqueceu a mente desses pais que tiveram a oportunidade de tratar de um tema que não era só da realidade dos filhos, mas da deles também.

Essa união entre a escola e a família só vem facilitar o trabalho do educador dentro da escola.

Depois de terminado o trabalho com os pais e filhos sobre sexualidade humana, a equipe da escola em questão concluiu que:

"Em relação a criança:

- Favorecer a manifestação de sentimentos, desejos, prazeres,

hipóteses e descobertas, sem tabus e preconceitos;

- *Possibilitar a vivência da sexualidade sem imposições e controle;*
- *Desenvolver atividades que permitam o conhecimento do corpo;*
- *Permitir a constituição da subjetividade singular.*

Em relação as educadoras e educadores:

- *Pensar a sexualidade humana como construção cultural;*
- *Construir e aprofundar conhecimentos sobre sexualidade infantil;*
- *Refletir na construção da própria sexualidade;*
- *(Re)pensar tabus e preconceitos;*
- *Ter acesso a informações claras;*
- *Sensibilizar a escola e a família;*
- *Desenvolver estratégias que facilitem o trabalho com as crianças.*

Em relação aos pais:

- *Informá-los sobre o trabalho;*
- *Integrar escola e família;*
- *Refletir na constituição da própria sexualidade;*
- *(Re)pensar tabus e preconceitos;*

Conhecer a sexualidade infantil" (Camargo,1999, p. 75,76).

E nessas escolas em que há a preocupação com esse tema, com ou não a união com a família, o PCN sugere que ao final do ensino fundamental o educando deve ter aprendido a serem capazes de assimilar alguns pontos fundamentais para a suas relações acerca dessa temática, como por exemplo:

- *respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano;*
- *compreender a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana;*
- *conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir de prazer sexual;*
- *reconhecer como determinações culturais as*

características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;

- identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;*
- proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores; reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois;*
- agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS;*
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido, ao iniciar relacionamento sexual.*
- evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS;*
- desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade; procurar orientação para a adoção de métodos contraceptivos.*

*A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A FAMÍLIA NOS ÂMBITOS DA
SEXUALIDADE HUMANA E DA EDUCAÇÃO SEXUAL*

O filme francês "Minha Vida em Cor de Rosa", dirigido por um diretor dinamarquês, conta a história de um menino de sete anos, filho mais novo de uma casal com quatro filhos- uma menina mais velha e três meninos mais novos- que tem sua sexualidade desnuda através de questões que ele traz consigo mesmo. Ele acredita que algum dia vai ser menina, que vai se casar com um menino, por isso, tenta se vestir como menina, quer ter cabelos compridos, enfim, se portar diferente do que é esperado dele como menino, etc.

Com isso, ele contraria o papel masculino que lhe cabe socialmente, pois a norma estabelecida da cultura burguesa francesa, das instituições que a compõem e das regras estabelecidas pela sociedade machista e capitalista, devem ser seguidas e assim, tanto a escola, quanto a família iniciam um conflito muito dolorido e complicado para todos que o rodeiam, inclusive para ele. A família e a escola vêem nesse acontecimento um risco para a integridade emocional e psicológica do menino, para a estrutura familiar como é composta, e também para a estrutura da escola onde o personagem está inserido.

De um lado a família fica sem saber o que fazer com ele, e de outro, a escola tem muito certo o que fazer com uma criança que não segue as regras do local e que coloca em perigo o ambiente seguro estabelecido pelos educadores: neste caso a expulsão do aluno mostrada no filme seria a melhor solução.

Expulsão simultaneamente do menino e de seu pai, da escola e do emprego, porque esta circunstância afetou também a vida profissional do chefe da família, colocando em jogo não só a parte emocional, psicológica, mas também financeira, isto é, desestruturou totalmente a vida cotidiana da família.

A família, nesta situação, foi a mais preocupada com o bem estar da criança, então com isso, ela decidiu procurar várias alternativas para a solução do "problema", e uma delas foi a terapia com uma psicóloga. E depois de várias tentativas, de mais ajudar a família do que fazer o menino mudar de idéia, a psicóloga percebeu que estava conseguindo "tratar" da família, a ela convence o menino a fazer o que os pais querem enquanto ele for responsável dos mesmos, para que quando ele cresça, possa tomar suas próprias decisões e se tornar o único responsável por elas.

Acredito que este caso, como em vários outros em que acontece a não aceitação do diferente, pode-se perceber a possibilidade da inexistência de uma educação sexual

preocupada mais com o bem estar físico e mental da criança e do adolescente, do que o seguimento da norma estabelecida pela sociedade vigente, geralmente padronizada na heterossexualidade, no machismo, na raça branca e na classe burguesa.

Uma educação sexual ministrada na escola ou na própria família, respeitando as diferenças, muitos autores acreditam que poderia ser uma possibilidade de evitar conflitos tanto na vida pública quanto na vida privada, o que não aconteceu no caso de filme e com certeza não acontece em milhares de famílias e escolas.

Mas como o próprio PCN explicita não cabe a escola julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, mas trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias.

E prejudicados são e serão as crianças e os adolescentes, porque foi com eles que não se teve a preocupação de uma educação integral, englobando o corpo e a mente. Mais tarde, quando já adultos, reclamarão a falta de uma atenção especial relacionado a sexualidade humana que não tiveram nem na infância e nem na adolescência.

Por tudo isso, é importante a escola trabalhar o tema da sexualidade junto com a família, para que assim escola e família falem a mesma linguagem, com isso as crianças e os adolescentes terão menos possibilidade de ficarem em conflito, como é descrito por Silva (1995), em sua tese de mestrado, quando este discorre sobre o processo que o jovem sofre quando tenta na sua adolescência se desvincular dos valores da família, se apegando aos amigos. Uma das questões que o autor se atém, é em relação aos papéis que os filhos interiorizam de seus pais e como a educação sexual na escola poderia auxiliar no processo de aproximação de pais e filhos e na compreensão desses papéis, porque nos trabalhos realizados nas escolas, juntos e separados dos pais, há a discussão sobre o que é se viver em família, a papel de cada integrante, o respeito e a valorização do mínimo que se deve ter para com todos dentro de seus lares.

Silva (1995) acredita que deve-se se tomar cuidado com a escola quando ela prega uma orientação sexual com a mesma proposta de continuidade à educação sexual dada em casa; subtende-se como educação sexual dada em casa qualquer orientação relacionado a sexualidade, sendo liberal ou não; porque nunca se conseguiria uma educação sexual transformadora, combativa, capaz de transformar padrões de comportamento opressores, devido à repressão, ao autoritarismo, a ausência de crítica, as tradições e a imposição de normas e condutas castradoras que geralmente estão vigente em nossa sociedade.

Com trabalhos, relacionados à sexualidade humana, coletivos ou individuais, citados por Silva (1995), realizados na escola, o adolescente consegue entender que na sociedade não existe uma só constituição familiar (a dele) mas outras formações e construções fraternais, que foram construídas baseadas em relações econômicas, políticas, culturais e sociais e

não só emocionais e sexuais.

Já Suplicy (1991) acredita que a escola deve continuar a educação sexual que os educandos receberam em casa, porque é em casa que crianças e adolescentes recebem a base do erotismo saudável e a capacidade de gozar a intimidade com outro que lhes é transmitido nos primeiros anos de vida através do afeto e do contato de pele entre a mãe e o bebê. A escola poderá então fazer isso prestando informações mais completas sobre sexualidade e esclarecendo e corrigindo as distorções que as crianças possam ter. Segundo a autora acima

"A escola não tem condições de prover o que só a família pode dar."

Mesmo que na escola, nas aulas de educação sexual e nas outras disciplinas, não se fale nem se toque no assunto "família", o educando trará à tona os vínculos que foram construídos ao longo de suas vidas dentro de suas famílias tentando desvencilhar deles ou se apegando nos conhecimentos que a família oferece, influenciando assim as relações tanto acerca da sexualidade quanto as outras relações, que ocorrem na escola.

Quando a escola atua não como continuidade da família, mas como um agente de transformação, com senso crítico e perceptivo da sociedade e respeitando o educando como um indivíduo integral, assim os adolescentes conseguem caminhar para uma certa maturidade, constroem seus valores cívicos sem muita interferência da família ou com determinação de certos valores desta, mas com a ajuda da escola, principalmente se esta se encarregar de ministrar além de uma educação sexual, uma educação moral e cívica para que a criança e o adolescente exerçam seu papel de cidadão consciente e participativo dos problemas que ocorrem na sociedade em que vive.

A educação sexual deve ocorrer na escola, porque

"é na escola que estão as questões referentes à sexualidade humana, através das conversas entre educandos, nas grafites do banheiro, nas brincadeiras, nas relações afetivas e sobretudo nas salas de aula" (Louro,1998, p. 131).

Devido as manifestações sobre sexualidade que acontece nos ambiente escolar, Suplicy (1991, p, 48) acredita que a educação sexual deve visar o

"diálogo sobre a sexualidade dentro da sala de aula, através

de professores com o preparo adequado para bem desempenhar essa tarefa informativa e formativa que tem como finalidade transmitir à criança informações biológicas corretas sobre a sexualidade e ao mesmo tempo que acentua o conceito de sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito mútuo, à responsabilidade e ao prazer",

abordando a questão sociocultural, auxiliando o educando a ampliar sua visão sobre o mundo e refletindo melhor sobre seus valores acerca da vida, não se esquecendo dos aspectos emocional e ético, que geralmente são questões que os pais são responsáveis, e não só os pais, mas também os educadores.

A temática educação sexual é relevante, para que se

"... quebre tabus, preconceitos, e abusos de poder, fazendo com que a criança não só aprenda o funcionamento do seu corpo como uma máquina executando funções, mas um corpo que tem sensações, sentimentos e que tem direitos e deveres a serem respeitados em relação a esse corpo integral" (Camargo,1999, p. 55).

O tema da educação sexual precisa constantemente ser estudado para se pensar também na prática do educador, e que espaço a escola utiliza para a ocorrência dessa educação e também para transmitir cada vez mais respostas e informações aos educandos (Silva, 1995).

Silva (1995) ainda diz que os alunos passam a ficar diferentes com essas aulas,

"São alunos que passam a falar mais, questionar mais, ficar mais à vontade para perguntar qualquer coisa, inclusive sobre sexualidade e passam a perguntar porque não são ironizados. O grupo estabelece regras nas quais o respeito à fala do outro é levado muito à sério. (...) Uma modificação apontada pelos professores diz respeito à mudança de comportamento frente aos pais. Os alunos contam que passam a falar mais sobre sexualidade em casa e com os amigos. Passa a existir um movimento do adolescente em direção a outros grupos aos quais pertence, pois se sente com conteúdo para levar adiante

informações e questionamentos, que adquire na sala de aula onde há um espaço, também para colocações sobre acontecimentos da vida de cada um" (p. 122).

Silva (1995), estudou a prática da educação sexual na escola e colocou em sua dissertação de mestrado o resultado desse estudo, justificando sua escolha pelo tema em vários aspectos:

- O saber que o professor já possui: é o professor quem está mais diretamente ligado diariamente com o aluno, então seria a melhor pessoa para ministrar as aulas de educação sexual;
- A escola enquanto local de vivência da sexualidade: é o local em que o educando passa a infância e a adolescência, períodos extremamente significativos para a manifestação da sexualidade, com isso o professor necessita enxergar o aluno como um indivíduo sexualizado;
- A possibilidade do aluno ter novos referenciais: o educando terá possibilidade de ter novos referenciais, porque a escola se situa como um grupo diferenciado da família;
- O encontro de respostas significativas: baseadas na relação ensino - aprendizagem passando pelo corpo, com o professor, ambos buscando estratégias para sair do padrão ditado pela sociedade;
- O reconhecimento do próprio corpo: porque o corpo, organismo traspassado pela cultura e pela inteligência é fundamental na aprendizagem;
- O acesso a informações claras: garantir aos adolescentes informações claras ligadas a sexualidade para que tenham uma ampla visão do mundo feminino e masculino; e
- A vivência de um espaço das diferenças: para que aconteça momentos de discussão e assim os alunos possam questionar seus valores e suas crenças com seus colegas e sua professora para facilitar os momentos de aprendizagem, porque segundo Silva (1995), situações de desequilíbrio e consenso são importantes para a aprendizagem do educando.

Tomando como gancho os estudos feitos das experiências em salas de aulas de Ribeiro (1996) e Camargo (1999), e também aproveitando a fala e as atividades ligadas as expressões artísticas e culturais de Ribeiro (1996), é importante explicar que é valoroso usar como instrumento na educação sexual expressões artísticas e culturais, como filmes, músicas, cantigas de roda, danças etc.; inseridas ou não na vivência do aluno, servindo tanto para facilitar o trabalho do educador quanto para o aprendizado do educando, e também para que o aluno entre em contato com a cultura do país e do mundo e abranja a sua própria, porque

" A escola é uma das instituições encarregadas de transmitir cultura e formas de comportamento aceitas pela

sociedade, mas pode ser um espaço de questionamento desses comportamentos" (Camargo, 1999, p. 40).

Ainda segundo a autora acima :

"... a discussão da necessidade da Educação Sexual na escola deveria estar superada, uma vez que as conseqüências da ausência de informações sobre sexualidade podem estar claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade é mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada e freqüentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola"(p. 40).

Silva (1995) relata que nas aulas de educação sexual os adolescentes se expressam com facilidade, tomam posições, expressam sentimentos, dificuldades e experiências, ficam à vontade, porque dentro da escola encontram outros adolescentes que vivem e sentem mais ou menos as mesmas coisas que eles.

E sem uma educação sexual efetiva, com ou sem a inserção da arte na sua prática, que aconteça com a família em conjunto com a escola e o resto da sociedade, crianças e adolescentes dependendo de como aprenderão conhecimentos sobre a sexualidade humana poderão vir a ter possíveis traumas que poderão carregar consigo para o resto de suas vidas(essas sensações e sentimentos traumáticos do adulto foi explicitado na introdução desta monografia com a referência bibliográfica de Freud(1920)).

"Nesta questão da educação sexual dentro da família, vale lembrar que a escola é a instituição que se situa entre a família(o privado) e a comunidade(o social), ocupando um papel de transição" (Marçal, 1989).

A interferência da família na sociedade, com seus costumes, valores e tradições, que percebe-se que mesmo se as escolas trouxerem para si o encargo de transmitir uma educação sexual que visa uma conscientização do desenvolvimento do corpo e da mente, com certeza as crianças e adolescentes trarão um currículo oculto em relação a sexualidade, carregado de influências de seus pais, isto é, do ambiente em que vivem e que absorvem

dos conhecimentos aprendidos acerca desta temática e de outras.

Por isso os orientadores sexuais que estarão nas escolas para dar aula de educação sexual para crianças e adolescentes terão que estar

"bem preparados e protegidos de desequilíbrios pessoais que possam inibi-lo ou fazê-lo ter uma postura tendenciosa , (...), deve ser alguém acessível e disponível,(...), com uma filosofia de educação sexual com bases sólidas nas realidades , livres de preconceitos, credices, mitos, falsos moralismos, com senso crítico e questionadora combativa e criadora" (Ribeiro,1989).

Se os profissionais responsáveis pela educação sexual não tiverem uma postura semelhante a citada acima a escola, como Louro (2000, p. 17) acredita que ocorre na prática da maioria delas, colocará em prática uma

"pedagogia de sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia, é muitas vezes sutil, discreta, contínua mas, quase sempre eficiente e duradoura."

E o mais viável, ainda segundo a autora acima, seria o investimento da base da escolarização da formação de homens e mulheres "de verdade", mas como fazer isso se a escola continuar com a postura citada pela autora, com a preocupação acirrada se os (as) meninos (as) estariam mais perto ou mais longe da "norma" desejada?

Para completar o pensamento de Louro (2000), Suplicy (1991) nos diz que para educar é preciso uma ética que leve em conta valores como:

"- Respeito pela verdade.

- Respeito pela igualdade e dignidade de cada indivíduo.

-Reconhecimento do direito de livre-arbítrio e autodeterminação"(p. 29).

Entretanto, pela necessidade de uma boa preparação da parte dos profissionais, que geralmente os pais se sentem incapazes de transmitir uma educação sexual esclarecedora para seus filhos e constantemente alegam mais essa responsabilidade para a escola.

Por isso Louro (1997) coloca várias questões em seu livro sobre a prática da educação sexual na escola, porque ela mesma defende que é o lugar onde ocorre manifestações

diversas relativas a sexualidade humana:

- *"Educação sexual é uma questão de âmbito do privado, a ser encaminhada e tratada exclusivamente pela família ou a escola dela deve participar (ou dela deve se incumbir)?"*
- *É conveniente falar sobre a sexualidade ou isso pode incitar precocemente os/as jovens?"*
- *Se tais questões forem discutidas na escola devem ser desenvolvidos numa disciplina específica ou devem ter um caráter multidisciplinar? Devem ser compartilhadas por varias disciplinas? Num horário regular? Obrigatório? Extraclasse? Opcional?"*
- *Que tipo de formação devem ter os/as professores/as encarregados/as dessa atividade?"*
- *Qual caráter de suas aulas? O objetivo (ou a preocupação) deve ser informar? Prevenir? Orientar? Moralizar?"* (Louro, 1997, p. 128).

Em relação a família, Boruchovitch (2000; p.185) acredita que

"com as mudanças na estrutura da família, a escola passa a ser um novo contexto para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente um senso de auto-responsabilidade e compromisso para a sua própria sexualidade".

Porém, mesmo com essa constatação, a escola necessita do apoio e da colaboração efetiva dos pais e da sociedade para que a criança e o adolescente consiga realmente ser orientado pelos profissionais responsáveis por tal assunto.

Uma das colaborações pode ser a arte inserida na educação sexual podendo funcionar como ajuda nas relações gerais do indivíduo, como fonte de informação e sobretudo de formação, facilitando o entendimento, o esclarecimento e a construção da identidade e da sexualidade na vida dos jovens e crianças, tanto dentro da família, quanto da educação formal?

Seria a arte um instrumento, um meio de aprendizagem na sala de aula ou na vida cotidiana, facilitadora para a ocorrência da educação sexual?

Essa educação sexual, na escola ou na família, pode, contar com o auxílio da arte, analisando músicas, examinando as relações explícitas e implícitas em filmes, que podem

retratar a vida dos jovens e crianças como fez César (1998) em sua dissertação de mestrado e Ribeiro (1996) em suas pesquisas em sala de aulas relatadas em seu livro.

Autores, como Camargo (1999), com suas pesquisas ou educadores com suas experiências em sala de aula já comprovaram que, com o auxílio da arte, as crianças e os jovens aprendem mais facilmente e se sentem mais à vontade para falar o que sentem e o que pensam sobre o assunto.

Integrando também com outras áreas de ensino, isto é, a arte deverá ser utilizada como metodologia para essas tais áreas através de atividades como desenho, filmes, colagens, massinhas, dramatizações, debates, discussões, etc., fazendo com que o aluno trate determinados problemas de sua vida com mais tranquilidade.

Ribeiro (1989, p. 120) coloca várias vantagens, além das expostas, de se ter uma educação sexual, com ou sem a inserção da arte, as aulas de educação sexual fica como um espaço onde os alunos podem falar de assuntos que se não existisse tal aula, essas falas se manifestariam nos corredores às escondidas, essa necessidade de discussão sobre essa temática é amenizada nessas aulas, assim sendo

"... promove a consolidação do grupo de alunos porque se constrói a confiança entre eles, básica para ocorrerem as conversas sobre sexualidade. A vergonha desaparece, pode ocorrer a aproximação corporal entre meninos, o que contraria o que aprenderam em relação de uma postura esperada de um homem. Fica a amizade entre eles e entre o grupo. Percebem que há pessoas para conhecerem".

De acordo com Ribeiro (1996) através das aulas de educação sexual, as crianças se sentem a vontade para discutir as relações e os conflitos que ocorrem em suas famílias, tornando natural as vivências básicas de suas vidas, incluindo assim de modo espontâneo os conhecimentos que possuem e que construíram dentro de suas casas acerca da sexualidade humana.

Contudo:

" A escola, como responsável pela educação e desenvolvimento do indivíduo, não pode continuar omissa para tratar da sexualidade. Ela deve propiciar encontros, palestras, debates, atingindo os professores, alunos e famílias" (Ribeiro,1989).

Ou seja, mesmo que a família seja a primeira a ser responsável a transmitir valores, normas e padrões não só sexuais, mas econômicos, políticos, sociais e culturais, para as suas crianças e adolescentes, com o passar dos tempos, foi passada para a escola o encargo de educar e auxiliar, no desenvolvimento e crescimento das crianças e adolescentes, porque esta foi criada com este intuito, então espera-se da escola a iniciativa de ministrar uma educação sexual preocupada com o desenvolvimento biopsicosocial do educando, mesmo recebendo fortes influências da família deste, que é a grande preocupação desta pesquisa, estudar a influências da família sobre a escola.

Ribeiro (1989) acredita que se a família unir suas forças com a escola poderá se apoiar na medida do possível, e com os conhecimentos sobre sexualidade humana que possui, para ambas ou propriamente a escola conseguir colocar em prática uma educação sexual preocupada com o biopsicosocial da criança e do adolescente. Como educador, ele prefere que a escola leve o aluno ao conhecimento sem impor o que é certo e o que é errado, sem querer doutrinar.

Existem famílias que acreditam ser função delas a educação sexual, a partir disso, podemos citar Louro (1997, p. 131), porque ela explicita que

"... há aqueles que negam que a educação sexual seja uma missão da escola, como fundamento de que nela estão implicadas e escolhas morais e religiosas das famílias".

E, para que uma educação sexual atinja os aspectos defendidos pela autora acima seria necessário uma união dos pais, da escola e da sociedade em geral, como reitera Camargo (1999).

Se não acontecer essa união, não adiantaria a escola ou órgãos responsáveis pela educação carregarem para si o encargo da educação sexual se a família, que é a base primeira da educação de toda criança e adolescente, também não se responsabilizar pela prática dessa vertente da educação.

Podemos citar Ribeiro (1989) para explicitar a questão de que a família, com seus critérios de educação, exerce grande influência na educação que é praticada na escola, porque é:

"A família é a primeira instância onde a criança receberá noções sobre normas e padrões sexuais. A ela tem cabido o papel de doutrinadora do bem e do mal, é na família que os valores são transmitidos".

E Suplicy (1991) complementa com o pensamento de que o respeito e carinho entre os pais exercerá enorme influência no comportamento e o modo de expressão sexual dos filhos, chegando a escola com este tipo de influência, positiva ou negativa sobre a sexualidade humana.

Por esses aspectos é preciso a união da família, da escola para a aplicação de uma educação sexual integrada, efetiva, esclarecedora e abrangente.

Um trabalho em conjunto não seria o ideal, da família com a escola, para a família e a escola poder repensar e refletir a transmissão dos conceitos e valores que passam para as futuras gerações?

Essa educação sexual, ocorrida nas escolas, nas famílias, consciente e libertadora defendida por alguns autores, Louro (1998), Camargo (1999), Ribeiro (1989) e outros, pode amenizar angústias e confusões emocionais que podem surgir ao longo da vida e, principalmente, na puberdade e na adolescência; que é um período de transformações físicas e mentais.

O ser humano independente de sua nacionalidade, credo, raça, partido político, etc., em sua vida passa por experiências, querendo ou não, relacionadas a sexualidade.

Ou seja, o ser humano, seja homem ou mulher, criança, jovem ou adulto, morando no Brasil, EUA, África, China ou qualquer outro lugar do planeta não se limita a sobreviver, mas a viver plenamente, com sua história, com suas emoções e relações acerca dos sentimentos, socializando com a comunidade que lhe cerca, tendo variadas vivências relacionadas a sexualidade humana com crianças, jovens e adultos, em diversos lugares, em diversas épocas, de maneiras variadas com suas expressões artísticas podendo sofrer influência da sociedade deixando possíveis traumas para o resto da vida.

E com a ocorrência da educação sexual, a criança e o adolescente poderá crescer e se transformar em uma adulto muito mais capaz de discernir as conseqüências de seus atos e de suas atitudes, assim será menos provável que o educando colecionasse traumas, mas sim conhecimentos aprendidos na infância e na juventude que podem ajudá-lo nas relações sociais inter. e intra. - pessoais.

Por essas experiências variadas, será que o ser humano estará completo se não receber uma educação sexual que se preocupe com o desenrolar e com o desenvolvimento sexual ao longo da vida?

Se o ser humano também passa por vivências relativas a sexualidade, por que não se preocupar com uma educação sexual abrangente e esclarecedora, que englobe os aspectos físicos e mentais?

Ou é suficiente para o desenvolvimento integral do ser humano se preocupar

apenas com a transmissão da língua materna, do pensamento lógico matemático, de noções básicas de geografia, história, ciências e outros conhecimentos que a escola enfatiza para a inserção na sociedade?

César (1998) examina o filme Kids em sua dissertação de mestrado e relata que os adolescentes retratados no filme representam as falhas da educação sexual dos pais, educadores, psicólogos e médicos que não souberam realmente orientar seus jovens para que eles não acabassem com a própria vida através da combinação do sexo com as drogas, se contaminando com doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS e até prejudicando outras pessoas transmitindo esta última e outras doenças.

E será que a educação sexual deve apenas fazer parte da família ou da escola, ou até receber influência mais direta da área médica e psicológica?

Afinal de quem é a função específica de educar sexualmente as crianças e os jovens de nossa sociedade?"

Não só Ribeiro (1989) apoia essa união: escola – família – sociedade, mas educadores como Camargo (1999) e outros.

Com ou sem a utilização da arte, vários autores, (Louro (1997), Ribeiro (1996), Camargo (1999) e outros defendem a educação sexual para crianças e jovens.

Mas esta educação que a família, a escola e o restante da sociedade defendem para a prática seria como questiona Foucault (1999) no livro *História da Sexualidade, volume I, A Vontade de Saber*, uma educação sexual que vigie, medique, estimule ao discurso, julgando as crianças e os adolescentes ou uma educação sexual que oriente, esclareça e informe como esclarece Louro (1997), Ribeiro (1996) Camargo (1999) e outros em seus livros?

Porque como diz Costa (1984, p. contracapa) em seu livro:

“Nas escolas o debate ainda é tímido, quando não é medíocre.

Na universidade, o assunto ainda é tratado de maneira superficial.

Na família, muitas vezes, há confusão, medo, preconceito ou desinformação.

E assim, a sexualidade - parte decisiva da vida e da felicidade, do corpo e da mente – permanece sendo um tabu.

Os trabalhos clínicos têm comprovado que toda essa carga de desconhecimento – é transmitida quase que integralmente aos adolescentes por seus pais ou professores.

De força determinante para o prazer e a felicidade, a sexualidade transforma-se então em fontes de neuroses e dificuldades.

...

Afinal, não há dúvidas de que, se a sexualidade é uma questão decisiva na personalidade do ser humano, mais importante e delicada ela se torna no momento em que a criança passa à adolescência, fase em que o amor é sentimento e ato, os corpos se afirmam e se encontram, onde as imensas possibilidades dos sentimentos e da paixão podem se realizar” .

E complementa Louro (1997, p. 128):

“... educação sexual. E na construção desse campo, nas decisões sobre a viabilidade e a oportunidade de sua existência, nas decisões sobre o que constitui, quem tem sobre ele autoridade ou legitimidade, observamos, mais uma vez, uma longa história de polêmicas, de lutas, de avanços e recuos onde diversos grupos se mobilizaram e se mobilizam para fazer valer suas verdades”.

Escola e família, ambas discutindo sobre essa temática preocupadas com as crianças e com os adolescentes, e com a sociedade que cada vez mais exige uma tomada de decisões sobre quem deve ter essa função, em parceria com quem, de que forma seria feito e que preparação tais pessoas teriam para cumprir esse papel tão fundamental na vida de qualquer criança e adolescente.

Devido a estas influências, a família deve estar incorporada no processo de educação sexual da escola, pois os pais muitas vezes são os mais necessitados, possuidores de informações distorcidas e com dificuldade para lidarem com seus próprios problemas e obstáculos em relação a essa temática (Ribeiro,1989).

Mas será que é função da família ou da escola transmitir uma educação sexual esclarecedora e abrangente para os jovens e as crianças, ou a função é das duas partes em conjunto?

Será que só a união da família e da escola seria suficiente para uma educação sexual abrangente e preocupada com o bem estar físico, mental e emocional e com a construção dos conhecimentos e da identidade acerca da sexualidade humana dos educandos?

Fica a indagação e o desafio para se buscar uma resposta.

- CAMARGO, Ana Maria Faccioli De. Ribeiro, Cláudia. *"Sexualidades e Infâncias: a sexualidade como um tema transversal"*. Ed. Moderna: Campinas/SP, 1999.
- CÉSAR, Maria Rita De Assis. *"A Invenção da Adolescência no Discurso Psicopedagógico"*. Editora Unicamp. 1998.
- COSTA, Moacir. *"Sexualidade na Adolescência"*. Ed. L&PM: Porto Alegre/RGS, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *"História da Sexualidade, Volume I, A Vontade de Saber"*. Edição 13ª. Ed. Graal: Rio de Janeiro/RJ, 1999.
- _____ *"História da Sexualidade, Volume II, O Uso dos Prazeres"*. Edição 8ª. Ed. Graal: Rio de Janeiro/RJ, 1999.
- _____ *"História da Sexualidade, Volume III, O Cuidado de Si"*. Edição 6ª. Ed. Graal: Rio de Janeiro/RJ, 1999.
- FREUD, Sigmund. *"Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade"*. Ed. Livros do Brasil: Lisboa, 1920.
- LOURO, Guacira Lopes. *"Gênero, Sexualidade e Educação"*. Ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 1997.
- _____. *"O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade"*. Ed. a. Autêntica: Belo Horizonte/MG, 2000.
- Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas Transversais. Orientação Sexual.
- RIBEIRO, Cláudia. *"A Fala da Criança Sobre Sexualidade Humana: o Dito, o Explícito e o Oculto"*. Ed. Mercado das Letras: Campinas/SP, 1996.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *"Uma Contribuição ao Estudo da Sexualidade Humana e da Educação Sexual"*. Editora da Unicamp. Campinas. 1989.
- SILVA, Ricardo De Castro E. *"A Orientação Sexual Vivida por Educadores e Alunos"*. Editora da Unicamp. Campinas. 1995.
- SISTO, Fermínio Fernandes(Org.).Boruchovitch, Evely. *"A Sexualidade Humana na Adolescência: Considerações para uma Educação Sexual Mais Efetiva In Leituras de Psicologia para Formação de Professores"*. Ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 2000.
- SUPLICY, Marta. *"Conversando Sobre Sexo"*. Ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 1991.